



CNSN

FLUMINENSE

Adriano Motta **Aline Guimarães** Ana Beatriz Ana Kemper
Ana V. Lopes Andre Vargas Andrea Hygino **Anna Bella**
Geiger Antonio Ton Arlindo Oliveira **Barbara Copque**
Bea Machado Brígida Baltar **Cabelo** Cãmi Soarros Clóvis
Aparecido **Darks Miranda** Edu de Barros Elisa de Magalhães
Gabriel Haddad & Leonardo Bora Gabriella Marinho Gilmar
Ferreira **Guilherme KID** Iole de Freitas Ivanildo Ferreira **João**
Boto João Modé Kandu Puri **Kika Diniz** Laryssa Machada
Leonardo Lobão **Lorran Dias** Lucas Ribeiro Lucia Laguna
Luiz Carlos Marques Lyz Parayzo Malcom Jefferson **Marcela**
Cantuária Marcella Araujo Márcia Falcão **Marcos Cardoso** Mayra
Carvalho Miguel Afa **Mulambö** PatFudyda Patricia Ruth **Paulo**
Vivacqua Pedro Mota Rafa Bqueer **Ranieri** Rogéria Barbosa Rona
Neves **Ruan D'Ornellas** Sociedade Fluminense de Fotografia Tapixi
Guajajara **Tatiana Altberg** Tayná Uráz Thiago Modesto **Zé Carlos Garcia**

Ministério da Cultura, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa e Petrobras apresentam



Secretaria de Cultura e Economia Criativa



GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO

ESCOLA OFICIAL

BISTRÔ OFICIAL



PATROCÍNIO OFICIAL



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA



A Casa da Arte Brasileira

Rio de Janeiro 2026

CRISN BRASIL



A **Casa** da
Arte Brasileira

Rio de Janeiro
2026

CiSIL BRASIL



CnSn
FLUMINENSE

Adriano Motta Aline Guimarães Ana Beatriz Ana Kemper Ana V. Lopes Andre Vargas Andrea Hygino Anna Bella Geiger Antonio Ton Arlindo Oliveira Barbara Copque Bea Machado Brígida Baltar Cabelo Câmi Soarros Clóvis Aparecido Darks Miranda Edu de Barros Elisa de Magalhães Gabriel Haddad & Leonardo Bora Gabriella Marinho Gilmar Ferreira Guilherme KID Iole de Freitas Ivanildo Ferreira João Boto João Modé Kandu Puri Kika Diniz Laryssa Machada Leonardo Lobão Lorrán Dias Lucas Ribeiro Lucia Laguna Luiz Carlos Marques Lyz Parayzo Malcom Jefferson Marcela Cantuária Marcella Araujo Márcia Falcão Marcos Cardoso Mayra Carvalho Miguel Afa Mulambö PatFudyda Patricia Ruth Paulo Vivacqua Pedro Mota Rafa Bqueer Ranieri Rogéria Barbosa Rona Neves Ruan D'Ornellas Sociedade Fluminense de Fotografia Tapixi Guajajara Tatiana Altberg Tayná Uràz Thiago Modesto Zé Carlos Garcia

Apresentação **8**

Texto curatorial **26**

Artistas & obras **34**

Créditos **261**



PETROBRAS e CASA BRASIL: em sinergia

pela cultura brasileira

A cultura contemporânea se manifesta como um território vivo de convergência, onde memórias, identidades e diferentes perspectivas se cruzam, abrindo caminhos para novas formas de compreender o presente. Ao apresentar a exposição coletiva *Casa fluminense*, a CASA BRASIL revela a potência dessa fricção criativa. O estado do Rio de Janeiro, com sua rica e complexa geografia cultural — que abrange a capital, a região metropolitana e o interior —, constitui um campo fértil para a experimentação artística. As obras reunidas nestas mostras refletem essa pluralidade de linguagens, trajetórias e investi-

gações, compondo um panorama sensível da produção contemporânea fluminense que expande nossa percepção sobre o território nacional. Ao longo deste primeiro ciclo sob sua nova identidade institucional, a CASA BRASIL afirmou-se como um ambiente de encontro entre diferentes territórios, saberes, linguagens e experiências, refletindo a pluralidade que constitui o Brasil contemporâneo. A amplitude da programação realizada, ao reunir artistas de distintas regiões do país e do estado, e alcançar um grande público, evidencia a potência desses recortes curatoriais como catalisadores de diálogo, reflexão e construção de vínculos intersubjetivos. Ao promover o acesso democrático às artes visuais e estimular a circulação de múltiplas narrativas, a instituição contribui para fortalecer o patrimônio cultural e ampliar os espaços dedicados à criação e ao pensamento crítico. A viabilização dessa programação consistente, inovadora e representativa é fruto da parceria com a PETROBRAS, que acompanha e apoia a consolidação da CASA BRASIL como polo de referência nacional. Ao investir nesta estrutura, a companhia reafirma seu compromisso histórico com a cultura como vetor estratégico de desenvolvimento social, econômico e simbólico. Celebrar essa mostra é também reafirmar a convicção de que investir em cultura é investir em um país mais plural, sensível e conectado. A aliança entre as duas instituições fortalece redes e contribui

para ampliar o acesso à produção artística, destacando a vitalidade da arte produzida no estado do Rio de Janeiro e no Brasil. Os resultados alcançados neste primeiro ano demonstram a relevância das parcerias entre instituições culturais e empresas comprometidas com o desenvolvimento sustentável do país. Para a PETROBRAS, apoiar a CASA BRASIL significa contribuir para a valorização da criatividade nacional, para a ampliação do acesso à cultura e para o fortalecimento de espaços capazes de acolher diferentes perspectivas que projetam o país para o presente e para o futuro.

PETROBRAS



CASA BRASIL: a força criativa

do interior e da capital

A exposição coletiva *Casa fluminense* representa mais do que uma mostra de arte: é um manifesto sobre a identidade, a potência e a pluralidade da cultura fluminense. Ao encerrar o primeiro ciclo anual da CASA BRASIL sob sua nova identidade institucional, a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SECEC-RJ) celebra a ocupação deste espaço por 60 artistas de diferentes regiões do estado. Da capital às montanhas, da Baixada às praias do interior, o que se vê aqui é a vitalidade de uma produção artística pulsante, atravessada por memórias, paisagens e vivências singulares.

Instalada em um dos patrimônios arquitetônicos mais emblemáticos do Rio de Janeiro, a CASA BRASIL consolidou-se, ao longo deste primeiro ano, como uma verdadeira morada da arte fluminense. Mais do que preservar um monumento histórico, o espaço ganhou novo significado ao se transformar em um lugar de encontro, formação e visibilidade para as múltiplas expressões culturais do nosso estado. Essa ocupação descentralizada materializa os princípios da Lei Estadual nº 7.035/2015, garantindo que a força criativa que brota em cada território encontre estrutura, reconhecimento e espaço para dialogar com públicos cada vez mais amplos.

A CASA BRASIL afirma-se, assim, como a casa da nossa arte: um espaço de portas abertas às múltiplas identidades que projetam o Rio de Janeiro e o Brasil para o presente e para o futuro.

Nada disso seria possível sem o patrocínio da PETROBRAS, parceiro fundamental na consolidação deste novo capítulo. Graças a esse apoio, foi possível construir uma programação de excelência que, entre exposições coletivas e individuais, reuniu mais de uma centena de artistas e aproximou suas pesquisas de um público de cerca de 150 mil visitantes. É a demonstração de que a união entre instituições públicas e empresas comprometidas com o desenvolvimento sustentável e a inclusão

social amplia o acesso à cultura e fortalece a produção artística brasileira.

Celebrar a *Casa fluminense* é reconhecer a cultura como território de acolhimento, pertencimento e partilha. É, acima de tudo, reafirmar o orgulho daquilo que é nosso.

Danielle Barros

Secretária de Estado de
Cultura e Economia Criativa

Uma casa brasileira

fluminense

No seu primeiro ano com patrocínio da PETROBRAS, a CASA BRASIL consolidou-se pela experimentação e valorização da arte contemporânea. Nos encontros entre artistas, curadores, pesquisadores, estudantes e visitantes, a Casa viu reafirmado o seu papel institucional como espaço de trocas e construção coletiva, capaz de aproximar diferentes experiências culturais e estimular debates sobre identidade, memória, território e pertencimento. Além das exposições, o programa público, comprometido com a diversidade e com o acolhimento a novos visitantes por meio da sua programação, tornou-se um marco da democratização do

acesso à cultura, fortalecendo o caráter formativo da instituição e dos recursos públicos empregados nela.

É nesse contexto que surge a coletiva *Casa fluminense*, numa trajetória de continuidade das primeiras mostras. Para além de um recorte temático, buscamos uma estratégia institucional que posiciona definitivamente a Casa como um vetor da cultura produzida no estado. É o reconhecimento de que este território é múltiplo, heterogêneo e um amálgama histórico, social, político e afetivo, mesmo nas suas contradições.

Ao reunir os artistas das diferentes regiões, a mostra revela o compromisso tácito da Casa de valorizar a potência criativa tanto dos grandes centros urbanos quanto de territórios frequentemente afastados dos circuitos tradicionais de legitimação artística. Um deslocamento de olhar que amplia o campo de visibilidade para outras experiências e geografias em vez da conhecida concentração das narrativas pela capital. Pintura, fotografia, instalação, vídeo, escultura, gravura ou mesmo os trabalhos híbridos convivem na exposição como manifestações de hoje construídas na diversidade de diferentes suportes e pesquisas. Referem-se à memória, às dinâmicas urbanas, às relações sociais, às questões ambientais, aos afetos, às ancestralidades e aos processos de transformação dos territórios, instaurando diálogos entre passado e presente, tradição e contemporaneidade.

Chegamos ao *Quintal da Casa*, ocupação do tapume da varanda realizada pelo artista Guilherme KID, que permite ao visitante uma experiência para além do espaço expositivo tradicional, transformando áreas de circulação e transição em suportes ativos de criação artística e convivência. Com o mesmo propósito, a artista do Mato Grosso Paty Wolff ocupa uma das salas da Casa com seu trabalho *Raízes provocam fissuras*.

A presença de Paty evidencia a aproximação com outras regiões, iniciada com Roraima, no Norte, e que agora chega ao Centro-Oeste. Uma conexão com as poéticas para além do Sudeste, reafirmando a gênese da CASA BRASIL nas diversas brasilidades e comprometida com a descentralização do acesso e dos recursos culturais e a construção de redes capazes de aproximar agentes e repertórios frequentemente distantes dos principais circuitos institucionais do país.

Outra ativação, da obra *Manicure política*, de Lyz Parayzo, convidou artistas-performers (exclusivamente trans, no caso da Casa) para ocupar a obra da artista fazendo as unhas dos visitantes como mote para diálogos sobre os mais diversos assuntos, incluindo aqueles que mobilizam a existência dos corpos trans. A proposta transforma um gesto íntimo e cotidiano em dispositivo de escuta, convivência e troca simbólica, criando situações de proximidade entre público e artistas.

Manicure política constrói formas alternativas de mediação e interação, transformando o ambiente social de um salão de beleza numa relação entre obra, artista e espectador. Ao ativar o espaço expositivo pela experiência compartilhada, o dispositivo evidencia a arte como prática relacional e como campo de construção coletiva de sentidos.

A dimensão educativa, elemento estrutural da CASA BRASIL, ganhou notoriedade na mostra *Conversas de Casa*, que oficializa os trabalhos dos alunos dos cursos livres *Imersões poéticas* e *Imersões curatoriais* como práticas integradas à programação do equipamento, valorizando a vocação formativa e o acolhimento de processos experimentais e de pesquisa; um espaço indissociável da experiência cultural e da relação entre aprendizagem, criação e circulação pública, enaltecido também no programa de mediação cultural realizado pelos alunos do curso *Experiências em mediação cultural*.

Nas exposições, os estudantes participam ativamente da construção dos diálogos entre público, obras e espaço expositivo, desenvolvendo práticas voltadas à escuta e à reflexão crítica. A mediação, desobrigada de uma coadjuvância, se torna parte da experiência completa do visitante no encontro entre repertórios e leituras plurais das obras. Assim, os mediadores contribuem para tornar o espaço expositivo acessível, participativo e democrático e recebem uma

formação crítica em cultura para atuarem no ecossistema das artes.

O programa de mediação, as exposições, o programa público, o programa de formação, além dos produtos oriundos da CASA BRASIL, portanto, são expressão do compromisso da instituição com uma atuação integrada entre criação artística, formação, pensamento crítico e participação, por meio de uma plataforma de articulação cultural capaz de conectar territórios, experiências e pessoas, fortalecendo a arte contemporânea fluminense em toda a sua diversidade e potência. Os resultados alcançados no primeiro ano demonstram o sucesso e o engajamento público na nova fase deste histórico e importante centro cultural brasileiro. Vida longa à CASA BRASIL.

**Tania Queiroz
Jocelino Pessoa**



Cidades forjadas por paixões

Texto curatorial por

Aliã Wamiri Guajajara

Cadu

Marcelo Campos



O Rio de Janeiro são cidades forjadas por paixões. Agremiações que se vinculam ao carnaval, ao futebol e a tantos outros estandartes de todos os tipos. *Casa fluminense* propõe um percurso sensível e crítico por suas camadas simbólicas, políticas e afetivas. Isso se dá a partir de artistas que, em suas trajetórias, são atravessadas e atravessados por pertencimento e encantamento, mas que, também, problematizam as desigualdades e violências de suas localidades. Ao articular **estado, cidade e urbanidades**, a exposição investiga as formas pelas quais o espaço é ocupado, construído e habitado — por planos, fluxos, disputas e imaginários — revelando as tensões entre centro e margem, formalidade e improviso, permanência e transitoriedade. A cidade não aparece como cenário estático, mas como organismo em constante negociação,

onde arquitetura, mobilidade, labor e memória produzem modos de viver e de se reconhecer no território.

Natureza, fauna e flora direcionam o olhar para as paisagens que, desde o século XIX, constituem protagonismo nas tintas dos pintores. Os biomas que atravessam a região, da Mata Atlântica aos manguezais, das serras ao litoral, aqui, estão sob a vigência de leituras que revisam as cicatrizes coloniais, entendendo-as como agentes ativos na formação cultural fluminense. A ecologia aqui é pensada como relação: entre humano e não humano, entre devastação e regeneração, entre exploração histórica e urgência climática. As matérias-primas partem da terra, amalgamando-se às alquimias mais diversas. Materiais também são coletados em espaços baldios, onde se evidencia o plástico que será processado e ressignificado pelas operações de dissolução e coagulação. Assim como o barro que congrega os inícios e fins.

Em diálogo com as **religiosidades, festas e tradições**, essa dimensão ambiental também evidencia cosmologias que reconhecem a natureza como entidade viva, como um parente próximo, sagrada e política, a partir de práticas afro-brasileiras, cristãs, indígenas e cruzadas. Molda-se, assim, a experiência coletiva do território. Narrativas fantásticas confluem na construção dos imaginários, também, tecnológicos, ampliando o tradicional, entendendo as encantarias como componentes das distopias e das ficções. A di-

menção da festa será sempre convocada para lembrarmos que a cidade é como uma fênix ressurgida na quarta-feira de Cinzas. Movimentos orgiásticos interessam aos artistas que lançam mão da dimensão épica em pinturas e filmes. Mantendo-se sempre atentos às ambiguidades da metrópole, aos perigos e coações. A cidade ainda impera com nomes de língua indígena, como Carioca, do tupi — kari ou kara'íwa (homem branco) + oka (casa), significando “casa do homem branco” ou “casa de outro”. O próprio nome marca a presença dos povos originários na formação da cidade e ressalta uma demarcação de memória do lugar, de diferentes povoamentos, encontros e sobreposições de histórias que permanecem inscritas no verbo e na paisagem.

Ao reunir **personalidades e retratos** e refletir sobre **trânsitos e vizinhanças**, a exposição enfatiza as narrativas individuais e os deslocamentos que compõem a identidade fluminense. Vemos, também, a arte que se interessa pela crítica aos índices de processos pedagógicos normatizantes e os contramovimentos de revide que reclamam individuação. Rostos, gestos e trajetórias tornam-se mapas afetivos que revelam migrações internas, circulações culturais e redes de pertencimento. A CASA BRASIL, nesse contexto, afirma-se como ponto de convergência: um lugar de escuta, de encontro e de reflexão sobre o que significa viver e imaginar o Rio de Janeiro hoje ■



Artistas & obras

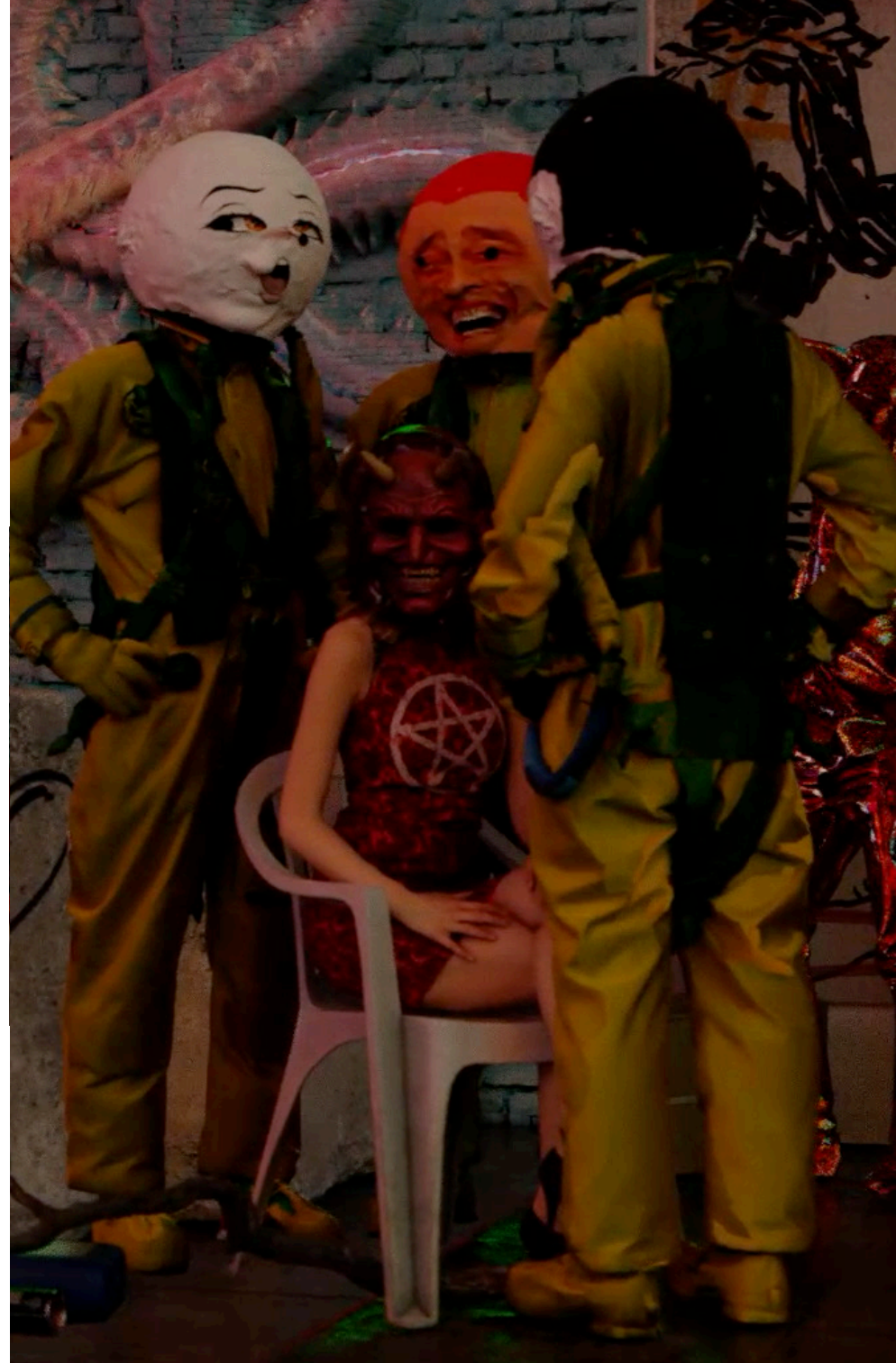
Adriano Motta	36	Gabriel Haddad		Marcos Cardoso	190
Aline Guimarães	40	& Leonardo Bora	118	Mayra Carvalho	194
Ana Beatriz	50	Gabriella Marinho	122	Miguel Afa	198
Ana Kemper	44	Gilmar Ferreira	56	Mulambö	202
Ana V. Lopes	64	Guilherme KID	126	PatFudyda	208
André Vargas	68	Iole de Freitas	132	Patricia Ruth	60
Andrea Hygino	72	Ivanildo Ferreira	57	Paulo Vivacqua	212
Anna Bella Geiger	76	João Boto	136	Pedro Mota	61
Antonio Ton	80	João Modé	140	Rafa Bqueer	216
Arlindo Oliveira	51	Kandu Puri	144	Ranieri	63
Barbara Copque	84	Kika Diniz	148	Rogéria Barbosa	62
Bea Machado	88	Laryssa Machada	152	Rona Neves	220
Brígida Baltar	94	Leonardo Lobão	58	Ruan D'Ornellas	224
Cabelo	100	Lorran Dias	156	Sociedade Fluminense	
Cãmi Soarros	54	Lucas Ribeiro	160	de Fotografia	228
Clóvis Aparecido	55	Lucia Laguna	164	Tapixi Guajajara	234
Darks Miranda	104	Luiz Carlos Marques	59	Tatiana Altberg	238
Edu de Barros	108	Lyz Parayzo	170	Tayná Uráz	242
Elisa de Magalhães	114	Malcom Jefferson	174	Thiago Modesto	246
		Marcela Cantuária	182	Zé Carlos Garcia	250
		Marcella Araujo	178		
		Márcia Falcão	186	Paty Wolff	254

Adriano Motta

Gray goo

Vídeo
2026

O título *Gray goo* faz referência a uma substância, que aparece pela primeira vez no ensaio teórico sobre nanotecnologia do engenheiro e futurista K. Eric Drexler. O autor relata um cenário hipotético no qual nanomáquinas autorreplicantes escapam ao controle humano e passam a consumir toda a matéria disponível, convertendo o mundo em uma massa cinzenta homogênea. O termo tornou-se uma metáfora das consequências imprevisíveis do avanço tecnológico e foi amplamente explorado na literatura distópica de ficção científica. Motta usa o termo para uma série de filmes criados em ambientes digitais, nos quais códigos eruditos, cultura de massa e redes sociais discutem a inclinação irreversível dos debates sociais e políticos para os metaversos. A obra exibida em *Casa fluminense* faz alusão ao carnaval de rua carioca, onde paisagens, personagens, sons e movimento são metáforas de nossa realidade hiperestimulada, surreal e confusa, mas também lírica e bem-humorada.





Aline Guimarães

Para os que foram

Óleo sobre tela
2025

Em *Para os que foram*, Aline Guimarães constrói uma poética da memória ancorada no deslocamento e no pertencimento. A pintura integra um conjunto de trabalhos que emerge das travessias entre o Nordeste e o Sudeste, especialmente o Rio de Janeiro, revelando narrativas marcadas por ancestralidade e movimento. A partir de uma escuta sensível das histórias familiares e da oralidade, a artista transforma elementos do cotidiano em arquivos vivos. A camisa bordada, suspensa no espaço pictórico, carrega presenças e afetos, evocando aqueles que partiram, mas permanecem inscritos nos gestos e nas lembranças. Sua pesquisa atravessa temas como infância e velhice, luto e continuidade, espiritualidade e vida, articulando memórias íntimas e coletivas. Com uma pintura delicada e simbólica, cria imagens que são, ao mesmo tempo, ausência e permanência, afirmando o corpo e o território como lugares de herança e cuidado.





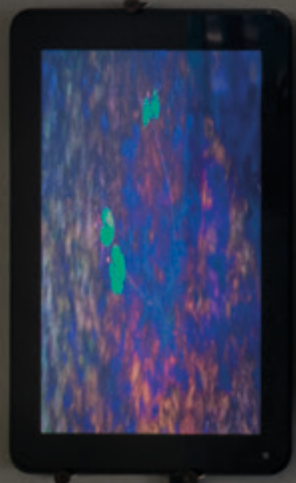
Ana Kemper

Corpos d'água Da série Aguapés

Instalação
2026

Em *Corpos d'água*, Ana toma como referência a planta aquática comum em rios e lagoas, conhecida por formar extensos agrupamentos flutuantes. A partir de uma coleção de imagens, sons e aromas relacionados à espécie e seu bioma, a artista desenvolve uma investigação poética sobre crescimento, deslocamento e convivência entre organismos. Ao mover a lógica de desenvolvimento do ambiente natural para o espaço expositivo, a artista propõe uma reflexão sensível sobre interdependência, transformação e ocupação de territórios. A instalação multissensorial convida o espectador a imaginar outras temporalidades e ritmos de vida, inspirados na dinâmica silenciosa e persistente dos ambientes aquáticos.



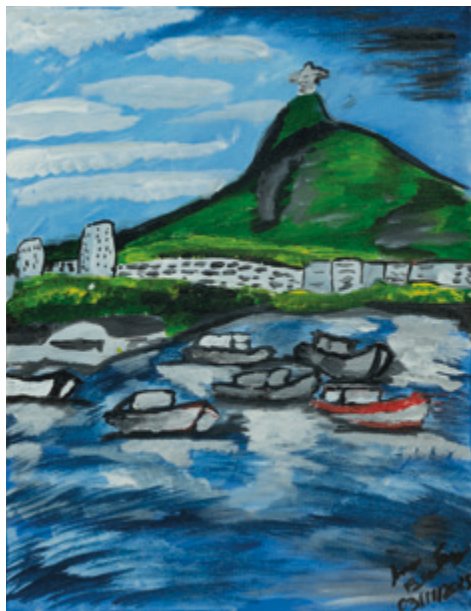




Ateliê Gaia

O Gaia nasce na década de 1990 como um ateliê terapêutico, mas se reconfigura em 2013, assumindo a vocação de espaço de produção coletivo junto ao Museu Bispo do Rosário, reunindo artistas que são ou foram usuários dos serviços de saúde mental.

Ana Beatriz Barbosa



Corcovado
Acrílica sobre tela
2025

Com humor e sensibilidade, Ana Beatriz Barbosa transforma o cotidiano da Colônia Juliano Moreira em pinturas. As obras evocam afetos, paisagens e personagens, revelando uma escuta atenta ao território.

Arlindo Oliveira



s/t
Acrílica sobre
madeira
s/d

Arlindo integrou o Gaia até seu falecimento em 2024, deixando um legado marcado pela criatividade e engenho técnico. A partir de materiais descartados, criava carros alegóricos, veículos, aviões e arquiteturas, ricos em detalhes e diversidade de materiais.



Arlindo Oliveira

s/t

Técnica mista

s/d

COLEÇÃO

Ricardo Resende

Cãmi Soarros



Flor
Escultura em argila
s/d

A produção de Cãmi revela uma escuta sensível sobre suas emoções. Esculturas e pinturas emergem de camadas emocionais profundas, nas quais forma e textura expressam atmosferas internas sombrias da artista.

Clóvis Aparecido



s/t
Técnica mista
s/d

Aparecido cria esculturas em madeira e concreto que misturam humor, memória e crítica. Veículos ganham adereços inusitados, como frutas pintadas, reencantando o cotidiano com cor e fantasia, entre o peso do real e a leveza do sonho.

Gilmar Ferreira



Eu amo o mundo na paz que restará em todos nós no Brasil e no mundo

Acrílica sobre tela
2025

Gilmar foi um dos primeiros integrantes do Gaia. Suas obras, em traços simples e texto, geram composições bem-humoradas e repletas de sensibilidade. Transita entre o desenho e a pintura, revelando seu modo singular de comunicar.

Ivanildo Ferreira



Tucano

Acrílica sobre tela
2025

Ivanildo articula imagens da cultura digital, como personagens de desenhos animados e elementos de anúncios publicitários com textos extraídos da internet, criando uma poética crítica sobre o consumo de signos e discursos que nos cercam cotidianamente.

Leonardo Lobão



Hê capoeira
Acrílica sobre tela
2023

A pintura de Lobão combina memória, cotidiano e crítica social. Ancorado em vivências na Colônia, o artista transforma em imagem as metamorfoses de um território marcado por histórias de dor, mas também de cuidado e superação.

Luiz Carlos Marques



**A maravilha
desse lugar**
Acrílica sobre tela
2025

Luiz Carlos transita entre as tintas, a tridimensionalidade, a música e o tricô. Mestre de bateria do Império Colonial e integrante do Loucura Suburbana, é conhecido por suas pinturas com temáticas pessoais e instalações com mandalas de bambu e fios coloridos.

Patricia Ruth



Os dançarinos

Acrílica sobre tela
2025

Patricia integra o Gaia desde suas primeiras formações. A artista pinta, borda e escreve, refletindo sobre o contexto manicomial e recordações de sua terra natal, Belém. Casas, barcos, rios e animais domésticos se combinam entre memória e invenção.

Pedro Mota



Felicidade, prosperidade em tudo

Acrílica sobre tela
s/d

Na série *Prosperidade, felicidade em tudo*, Mota constrói ora mandálicas, ora estruturadas em módulos que irradiam otimismo e vitalidade. Suas obras propõem uma percepção do mundo guiada por uma busca estética que celebra o equilíbrio.

Rogéria Barbosa



Quando tento achar meu limite

Acrílica
sobre tela
2022

Rogéria é artista visual, escritora, militante antimanicomial e antirracista, além de professora e presidente de honra do bloco Zona Mental. Sua obra transita entre colagem, pintura e desenho, afirmando a potência dos corpos negros, da liberdade e do desejo.

Ranieri



Profeta Gentileza

Colagem
sobre papel
2022

A produção de Ranieri é um mergulho nas relações sociais e nos mundos imaginários. Seus desenhos, colagens, pinturas e esculturas dão vida a seres fabulosos, expressando liberdade, leveza e um profundo vínculo com o cotidiano e o ambiente natural.

Ana V. Lopes

Quando tudo enkrakar

Esculturas em cerâmica

2025

A obra da artista indígena do povo Mbyá, curadora e pesquisadora contracolonial, parte da observação das cracas, organismos marinhos que constroem pequenas arquiteturas ao se fixarem em superfícies, para criar uma poética do pertencimento. Transfiguradas em cerâmica, as formas emergem com diferentes texturas, tamanhos e estágios de queima, evocando colônias vivas e microarquiteturas em expansão. Ao deslocar esse fenômeno natural para o campo da escultura, a artista propõe reflexões sobre a relação entre vida, corpos e territórios, atravessando noções de identidade, permanência e conexão com a terra. As peças se organizam como corpos coletivos, onde cada elemento carrega a força da aderência e da continuidade, afirmando modos de existir que resistem ao apagamento. *Quando tudo enkrakar* convoca uma leitura sensível sobre vínculos e coexistências, revelando que crescer junto, fixar-se e transformar-se são gestos políticos.





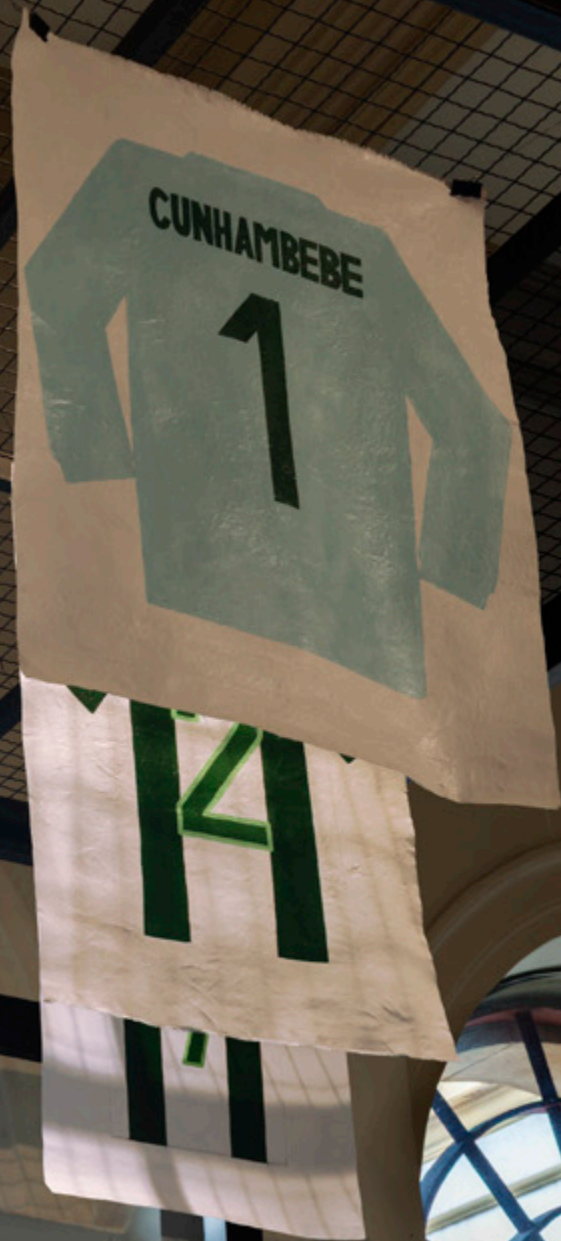
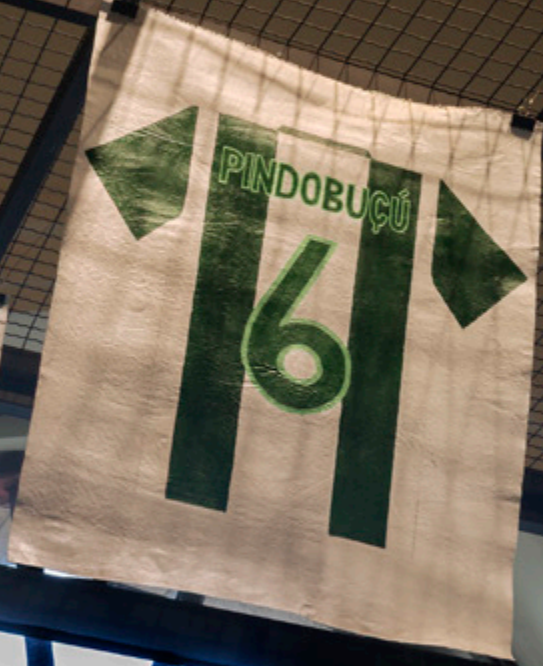
André Vargas

Confederação Tamoyo

PVA e acrílica sobre algodão cru
2025

A obra composta por pinturas sobre algodão cru representa camisas de futebol e seus respectivos emblemas, apresentadas frente e verso e suspensas no espaço em formação em "V". A instalação nasce do cruzamento histórico da Confederação dos Tamoios — aliança indígena que reuniu povos Tupinambás e Temiminós em conflitos contra frentes coloniais portuguesas e francesas no litoral do atual estado do Rio de Janeiro — e a estética dos uniformes do Clube Tamoyo, tradicional agremiação esportiva da cidade de Cabo Frio, local de origem do artista e cenário histórico desses confrontos. Ao inscrever nas camisas os nomes de lideranças indígenas que participaram da confederação, Vargas evidencia as camadas de ironia e apagamento presentes na história: nomes indígenas persistem em símbolos esportivos e urbanos, enquanto as memórias dos povos que resistiram à colonização permanecem frequentemente marginalizadas. A obra articula história, identidade e cultura visual para refletir sobre as marcas da violência na formação do território fluminense.





Andrea Hygino

Estudo sobre a mesa

Escultura-gravura

2015

Estudo sobre a mesa nasce da observação atenta de objetos das salas de aula: materiais escolares, carteiras, lousas, murais e mesas. Elementos que atravessam a experiência coletiva do aprendizado. Na peça apresentada em *Casa fluminense*, a artista transforma essa última em um campo de investigação visual, destacando especialmente sua superfície, marcada por inscrições, riscos e pequenos gestos acumulados que revelam vestígios da presença dos estudantes que fizeram uso do móvel. O trabalho desloca o olhar para aquilo que normalmente permanece invisível, convertendo a mesa em um pequeno laboratório de percepção. Ao suspender o fluxo habitual dos espaços de aprendizagem e enfatizar a quietude da cena, Hygino convida o espectador a perceber as camadas de memória e experiência inscritas nesse plano, onde grafias anônimas e marcas do tempo tornam-se registros da vida compartilhada.





Anna Bella Geiger

Rio de Janeiro como centro cultural do mundo

Nanquim preto e vermelho sobre papel

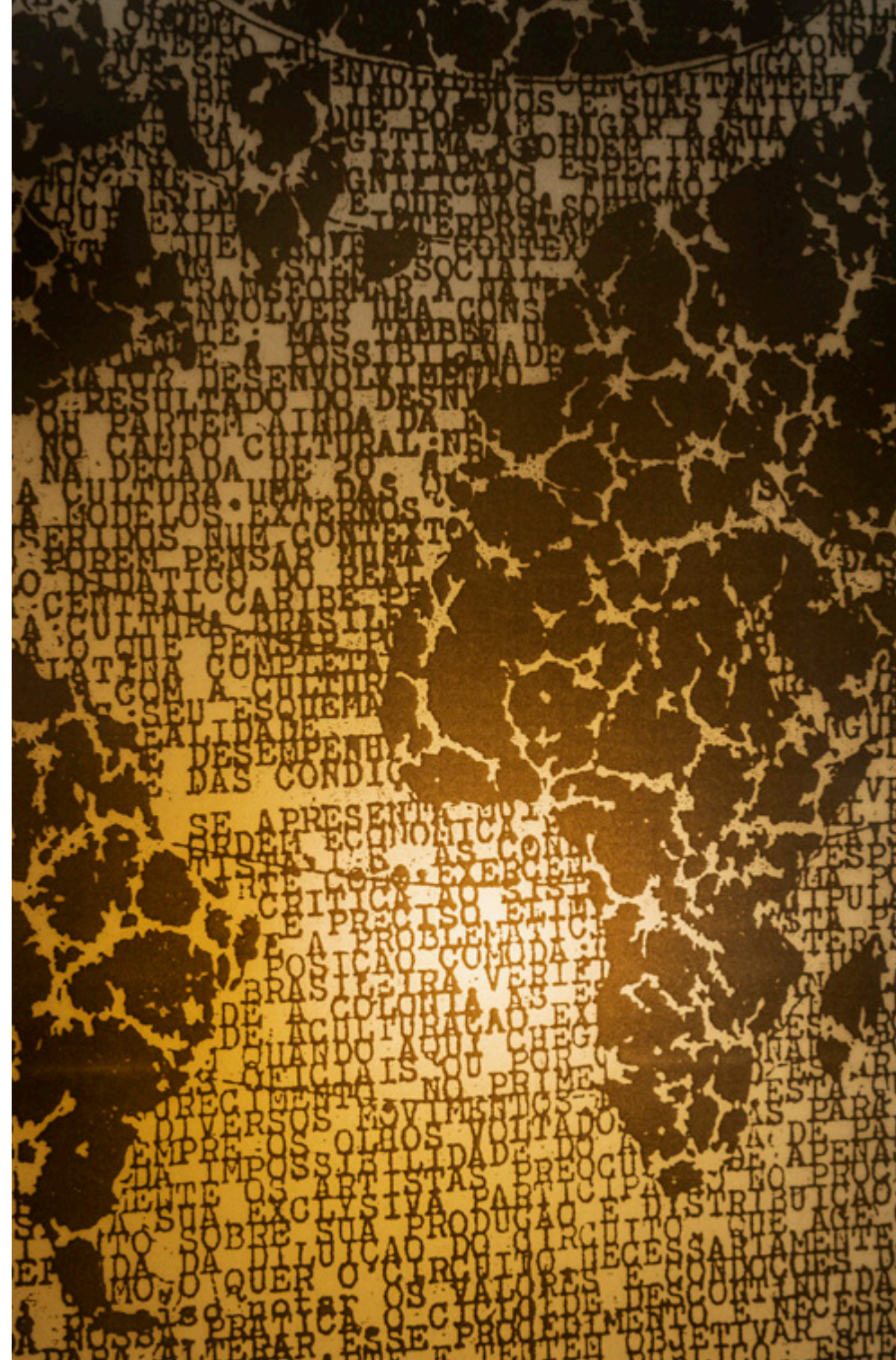
1977

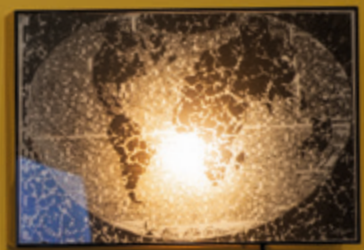
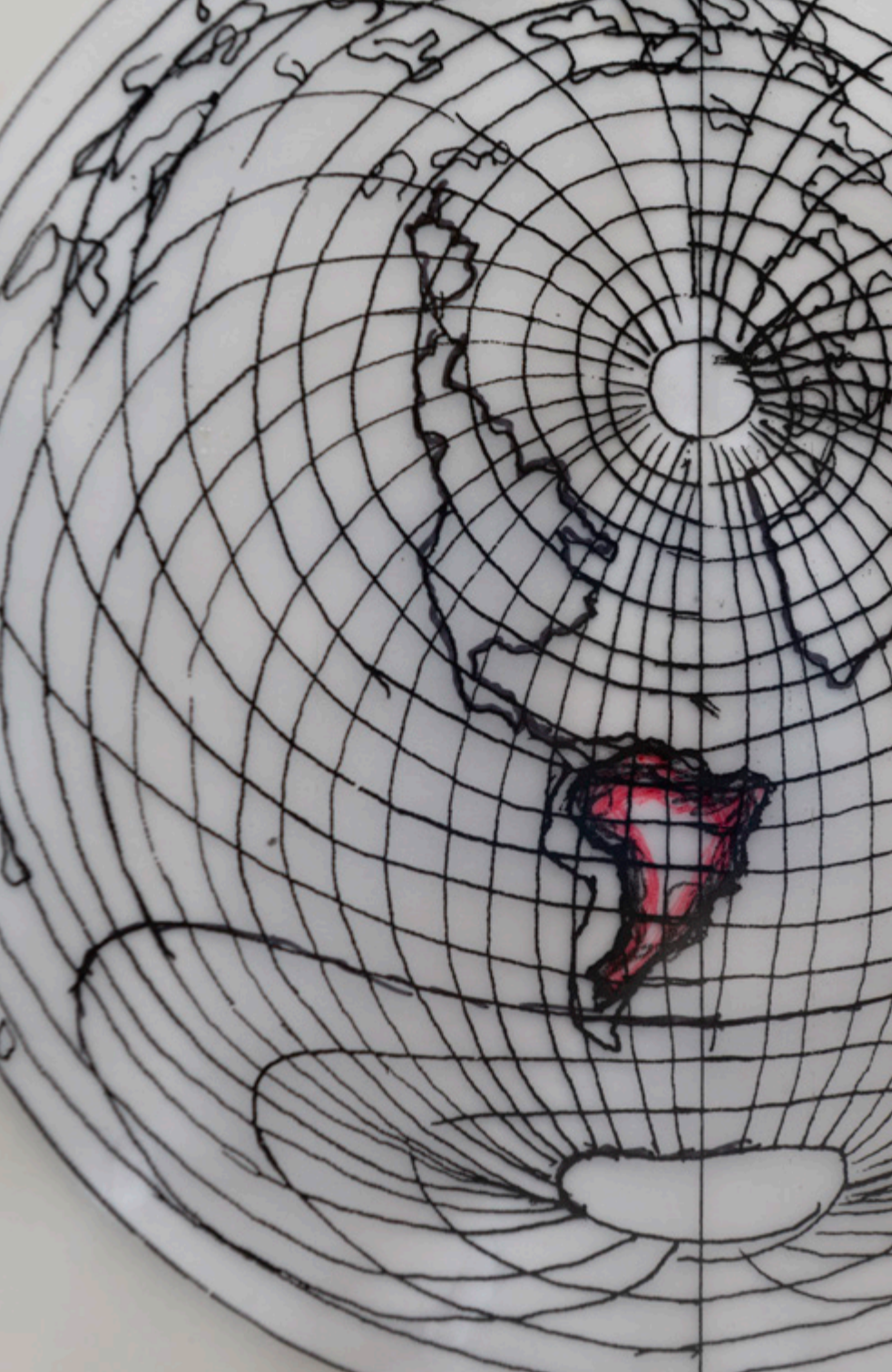
Espaço social da arte

Impressão em *backlight*

1977

Rio de Janeiro como centro cultural do mundo integra o conjunto de trabalhos em que a artista investiga, a partir do uso da cartografia, as representações de poder presentes na arte contemporânea. Ao reposicionar o Rio de Janeiro como eixo central do mapa, Geiger subverte a lógica geopolítica tradicional que, historicamente, privilegia países e cidades do hemisfério norte. O gesto, ao mesmo tempo irônico e crítico, revela como as noções de centro e periferia são construções e não dados naturais. Essa reflexão se articula com outra peça, também de 1977, *Espaço social da arte*, na qual Anna amplia essa investigação ao considerar o sistema artístico como um campo de relações simbólicas e institucionais. Em ambos os trabalhos, há o questionamento das estruturas de legitimação e a promoção de novas leituras sobre o lugar do Brasil e da América Latina no circuito internacional da cultura.





Antonio Ton

s/t

Vídeo
2026

Edição
Tchaca

A obra de Ton emerge do encontro entre arte urbana e experimentação formal. Além de se dedicar à pintura e à escultura, o artista desenvolve intervenções em áreas compartilhadas, transformando espaços em campos de cor e geometria. Veículos, muros, palcos para shows, quadras esportivas, pátios escolares e pistas de skate e até um carro alegórico tornam-se suporte para composições marcadas por simetrias, ritmos e relações cromáticas que dialogam com a arquitetura e com os modos de uso desses locais e objetos. Com seus vibrantes padrões, o artista produz deslocamentos perceptivos que nos convidam a redescobrir e ressignificar territórios. O vídeo produzido especialmente para *Casa fluminense* reúne uma variedade de interferências realizadas na cidade ao longo dos anos. O trabalho evidencia como cada exercício integra-se à paisagem e às dinâmicas sociais do entorno, revelando a potência da arte como prática de reorganização e de ativação sensível da experiência coletiva do Rio.





Barbara Copque

Vendinhas, quitandas e quituteiras

Impressão
2026

Vendinhas, quitandas e quituteiras propõe um olhar sensível sobre as dinâmicas sociais que atravessam a formação da sociedade fluminense. Partindo do sistema de comércio informal e de pequenas mercearias, o trabalho evidencia como esses modos de troca e circulação de bens de consumo constituíram importantes redes econômicas e culturais no cotidiano da cidade. Historicamente associadas às mulheres africanas e afrodescendentes, essas práticas configuraram espaços de autonomia, trabalho e sociabilidade que atravessam gerações. Ao revisitar e ressignificar essas experiências por meio da imagem fotográfica, a artista revela camadas de história inscritas nos gestos, nos alimentos e nos objetos que compõem essas cenas. A obra aponta para a complexidade do espaço sociorracial que estruturou o processo de produção e reprodução da cidade, destacando o papel desses empreendimentos na construção de territórios de sustento, convivência, memória e cuidado na vida urbana.





Bea Machado

Contra-atacar, contra-atacar

Óleo sobre tela
2026

Reza forte protege samba

Óleo e acrílica sobre tela
2025

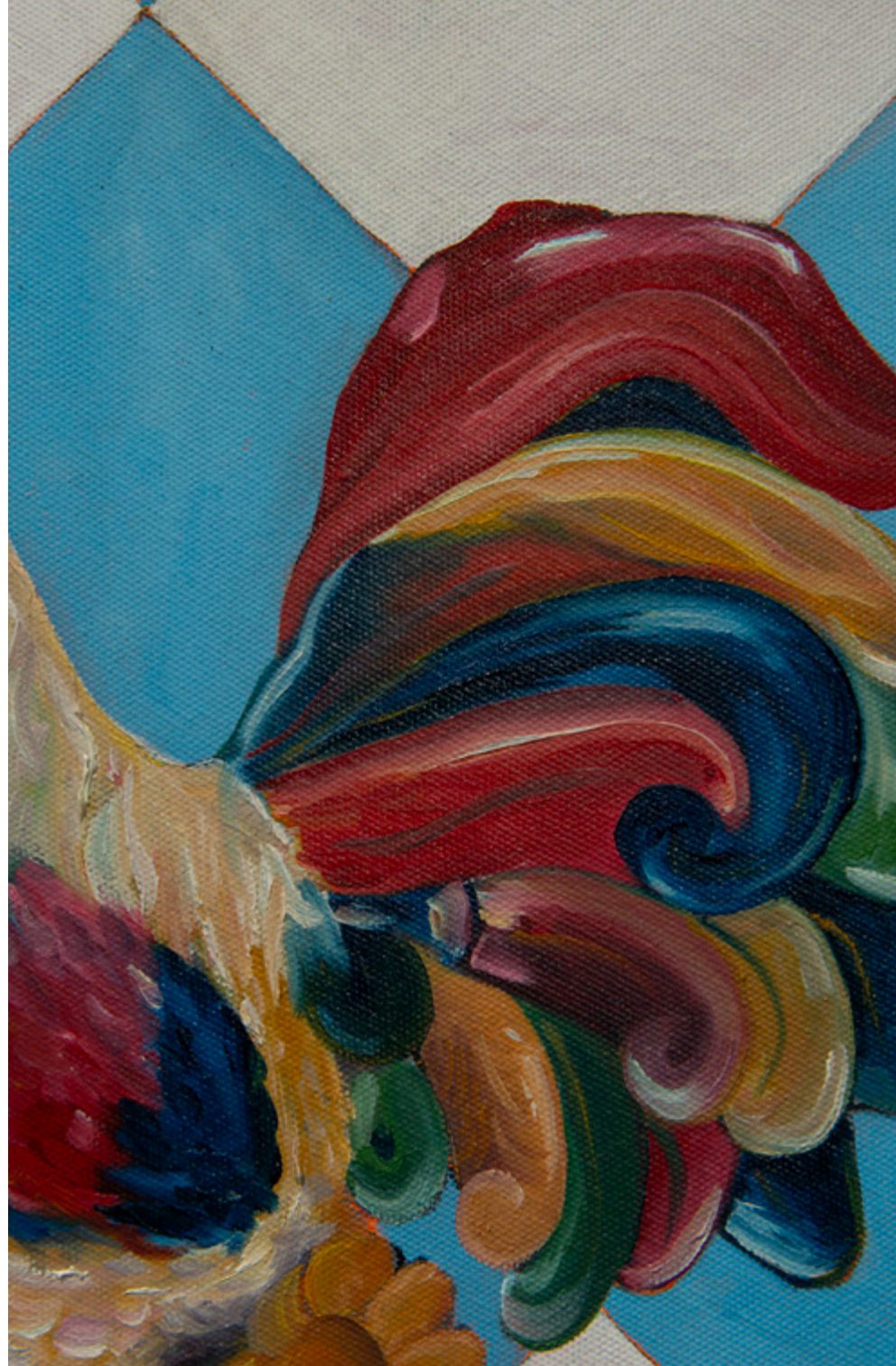
Deu galo na cabeça

Óleo e acrílica sobre tela
2025

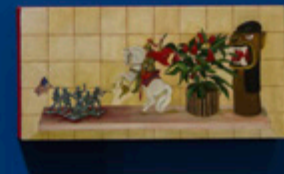
COLEÇÃO

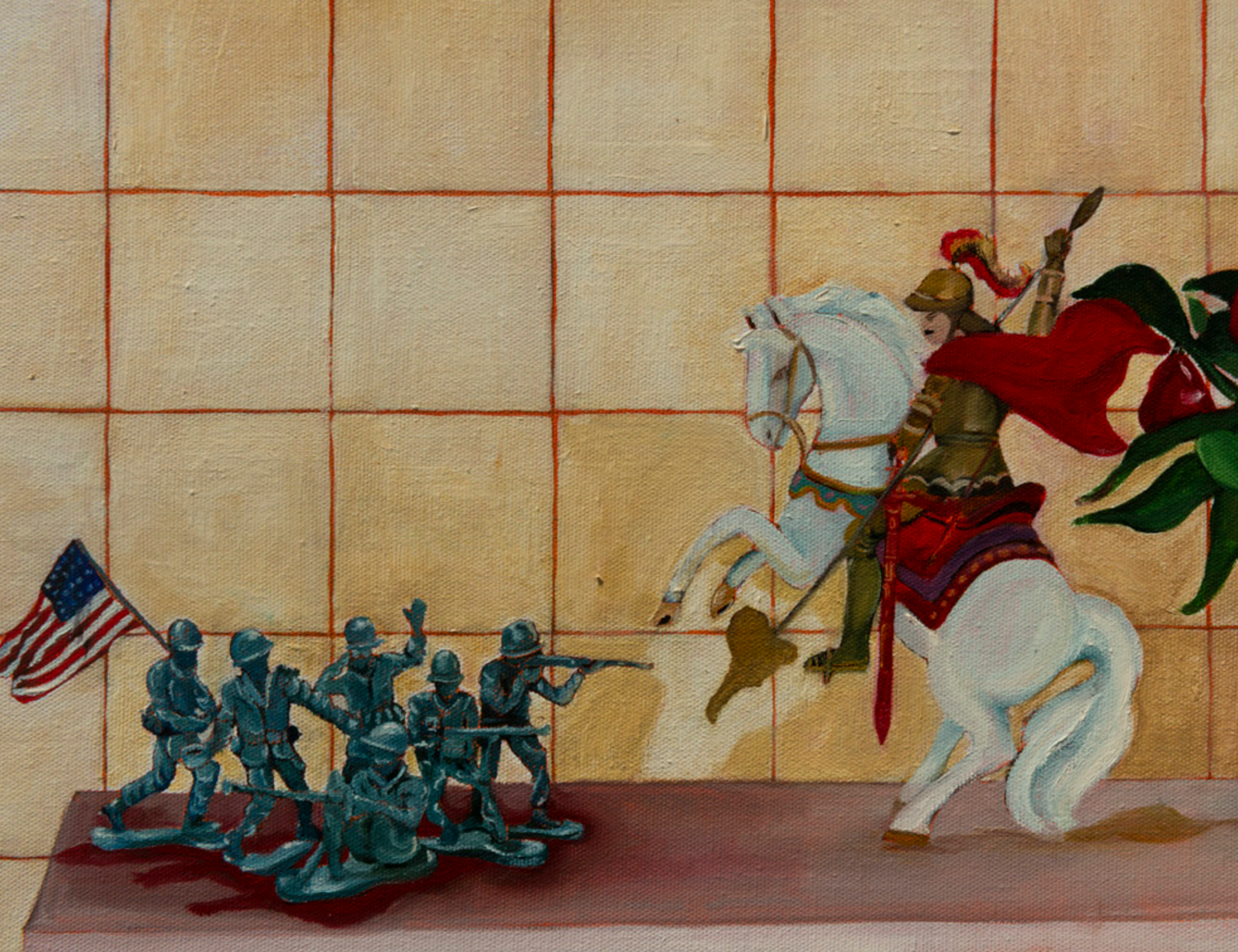
Galeria Laranjal/RJ

A obra de Bea nasce de uma investigação poética sobre o subúrbio carioca e suas formas de vida, memória e pertencimento. Partindo de sua infância em Bangu, a artista articula interseções afetivas que atravessam experiências de luto, festa, carnaval, sagrado e cotidiano. Sua pesquisa observa signos presentes em botequins, azulejarias e altares domésticos, onde se evidenciam contrastes entre passado e presente e deslocamentos de gosto historicamente associados ao *kitsch*. A fé depositada em oferendas e pequenos rituais transforma-se em imagem, muitas vezes situada nos cantos, nos altos ou atrás das portas, em espaços de difícil acesso e decifração.



Em pinturas, bandeiras, cerâmicas e outros suportes, Machado elabora um repertório visual que mobiliza mandingas, enredos e feitiços, ao mesmo tempo em que homenageia matriarcas e baluartes do samba e da MPB, afirmando territórios de espiritualidade e construção identitária. Em *Contra-atacar, contra-atacar*, a lança pintada nas mãos de São Jorge faz referência ao trabalho *Lanças* (2022), do artista Jefferson Medeiros.





Brígida Baltar

Pontuações

Registro fotográfico de ação
Conjunto de 22 fotografias
sobre estante de madeira
1995

s/t

Esfera de algodão com
estrutura de ferro
1995

Registros da ação

João Galhardo

COLEÇÃO

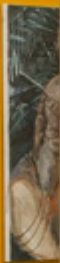
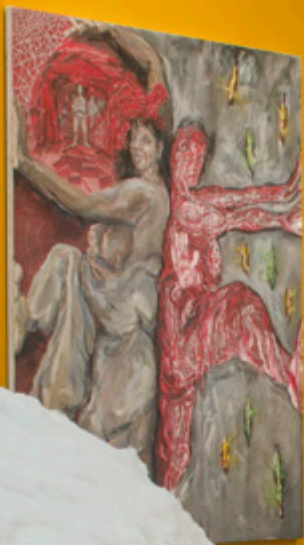
Instituto Brígida Baltar

Em *Pontuações*, Brígida articula matéria e memória a partir de um gesto simples e profundamente poético. Já a obra *s/t*, realizada pela primeira vez em 1995 para uma exposição no MAM do Rio, consistia em uma grande esfera de algodão que na ocasião foi acompanhada por vestidos infantis brancos, imprimindo uma dimensão de delicadeza e transitoriedade ao espaço. Construída sobre uma estrutura de ferro oriunda dos galpões de cenografia do carnaval, a forma aproximou universos distintos: o da monumentalidade festiva e o da intimidade doméstica. Ao final da exposição, a impossibilidade de incorporar a obra a acervos deslocou seu destino: levada para um sítio, a esfera passa a habitar a paisagem natural, onde lentamente se transforma e se dissolve.





Entre presença e desaparecimento, a obra é exemplo de um pensamento recorrente na obra de Baltar, no qual o corpo, o abrigo e a natureza se entrelaçam em experiências sensíveis de impermanência. Para *Casa fluminense*, a ausência da indumentária é compensada por uma sequência de fotografias feita com a escultura na natureza.



Cabelo

Encruzilhada

Escultura em ferro fundido
2021

COLEÇÃO

A Gentil Carioca

Em *Encruzilhada*, Cabelo articula desenho e escultura em uma composição que evoca simultaneamente cartografia, símbolo e narrativa mítica. No centro da estrutura, uma figura estilizada ergue-se sobre o ponto de interseção, enquanto um eixo vertical projeta-se para o alto, como antena, totem ou instrumento de orientação. A imagem remete à ideia de encruzilhada presente em diversas cosmologias afro-brasileiras, onde o encontro de caminhos representa lugar de passagem, decisão e transformação. Ao trabalhar com linhas que lembram grafismos, mapas ou sinais, o artista aproxima o gesto gráfico e a espacialidade, gerando uma obra que evoca trajetórias, forças e direções invisíveis. Cabelo nos apresenta um diagrama poético do movimento e das escolhas que estruturam a experiência humana no território.





Darks Miranda

A neblina

Látex pré-vulcanizado, tecido,
tinta spray, ferro e poliuretano
2022

A primeira pele

Bastão oleoso e graxa sobre bronze
2023

COLEÇÃO

Galeria Sardenberg

A obra de Darks Miranda investiga relações entre organismo, matéria e mutação. Em *A primeira pele* (2023), um relevo em bronze marcado por dobras e tensões superficiais remete a vestígios epidérmicos fossilizados. Já em *A neblina*, uma forma vertical recoberta por camadas flexíveis sintéticas sugere uma presença corporal envolta em atmosfera densa. Em ambas as peças, estados de suspensão, camuflagem e metamorfose são evocados, como se os corpos resultantes atravessassem constantes processos de transfiguração biotecnológica. Em seu laboratório delirante, matéria orgânica e mineral fundem-se entre escultura e experimento especulativo. Nesse território híbrido, a artista convoca vocabulários da ficção científica para imaginar ecossistemas futuros e estados de existência em contínua adaptação.





Edu de Barros

Summer eletrohits

Óleo sobre madeira
2026

Edu Barros investiga sínteses entre memória urbana, liturgia e a história da arte. Em suas telas, instalações, retábulos, altares e outras soluções pictóricas que flertam com a arquitetura de igrejas e templos, o artista cria composições com personagens sagrados e profanos. Santos, foliões, gente comum e incomum: ora contemplamos como se tivéssemos despencado ou fôssemos pertencentes ao mundo dos mortais, ora as admiramos do alto, sendo nós os em estado angélico. Na verdade, Edu quer misturar reinos e nos rememorar que tudo que está acima também está abaixo. *Summer eletrohits* referencia *O Jardim das Delícias Terrenas*, de Hieronymus Bosch, e, nesse percurso, a pintura surge como território de investigação material e poética, onde matéria, luz e sombra articulam atmosferas líricas e oníricas.







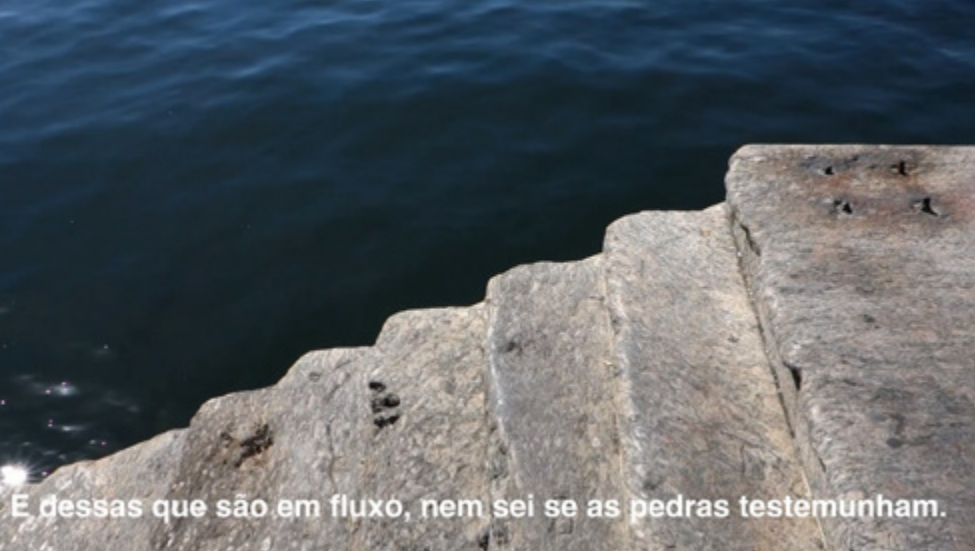
Elisa de Magalhães

Naufração

Vídeo
2024

Naufração, *Des-terra* e *Arruinada* articulam paisagem, história e corpo em uma poética da finitude e da permanência. No primeiro vídeo, a imagem de um barco encalhado na areia da Praia dos Anjos, em Arraial do Cabo, torna-se metáfora de uma travessia interrompida, onde o mar insiste em afundar aquilo que já não navega. O segundo filme, realizado em parceria com o filósofo Rafael Haddock-Lobo, percorre a costa do Rio de Janeiro para refletir sobre deslocamentos forçados que estruturam a história brasileira, do genocídio indígena à diáspora africana, evocando lutos e ausências. E em *Arruinada*, Elisa investiga a continuidade da vida em meio à decomposição, em uma paisagem onde ruína e fluxo coexistem. Entre mar, terra e restos, a artista constrói imagens que confrontam memória, violência e transformação.





E dessas que são em fluxo, nem sei se as pedras testemunham.



Mas, sobretudo, sabe ouvir que mar é morte,



Des-terra

Vídeo
2022

Arruinada

Vídeo
2022

Gabriel Haddad & Leonardo Bora

Pierrô Apaixonado

Isopor tinta a base d'água, tinta acrílica,
resina, ferro e materiais têxteis
2026

Escultura

Alex Salvador e equipe

Pintura de arte

Leandro Assis e equipe

Ferragem

Diogo Soave e equipe

Adereço

Daiany Almeida e equipe

A produção da dupla Gabriel Haddad e Leonardo Bora amplia os sentidos do carnaval ao aproximar a linguagem das escolas de samba de procedimentos da arte contemporânea. Atuando na criação de enredos, alegorias e fantasias para escolas de samba cariocas, os artistas desenvolvem projetos que investigam memória cultural, ideação popular e experimentação visual. Em trabalhos como o enredo *Fala Majeté — Sete chaves de Exu* (2022), na Grande Rio, a dupla introduziu novas abordagens ao convidar artistas visuais para acompanhar processos de criação e confecção das alegorias, estabelecendo um diálogo entre ateliê e barracão.



Em 2026, na Unidos de Vila Isabel, Haddad e Bora homenagearam o artista Heitor dos Prazeres, referência fundamental da cultura popular carioca. Para esta exposição, apresentam um *Heitor pierrô*, evocando personagens históricos de outrora e reafirmando o carnaval como território de invenção, celebração e imaginação crítica.



Gabriella Marinho

Punhado de inhame pilado

Porcelana
2024

Punhado de inhame pilado

Porcelana
2025

Cabeça de Caramujo

Porcelana esmaltada e waji
2025

COLEÇÃO

Galeria Sardenberg

A artista investiga vínculos étnico-identitários por meio de esculturas e instalações nas quais a argila ocupa papel central. Em sua pesquisa, o barro aparece tanto como vestígio de tradições afrocentradas quanto como campo aberto de experimentação. Gabriella explora forma, textura e a cor em volumes, construindo superfícies que evocam paisagens, biomas e formações orgânicas sem se prender aos limites da figuração. Nesse processo, o gesto de modelar torna-se também um modo de ativar histórias e heranças culturais que atravessam seu corpo e os territórios que atravessa. Suas obras sugerem geografias sensíveis onde matéria, memória e abstração se entrelaçam. Entre esculturas e instalações, Marinho cria ambientes nos quais a terra é capaz de carregar marcas do tempo, do gesto e das cosmologias que informam sua prática.





Guilherme KID

Porta-bandeira

Acrílica sobre tela
2024

A sapiência dos corpos que tocam nossos tambores

Acrílica sobre tela
2024

A pesquisa de KID nasce do encontro entre memória pessoal, cultura popular e heranças afro-diaspóricas que atravessam a formação cultural do Rio de Janeiro. Criado no subúrbio da cidade, o artista encontra na paisagem, nas festas populares e na rua um repertório simbólico que orienta sua produção. No trabalho apresentado, a bandeira da Beija-Flor de Nilópolis surge como imagem central, evocando não apenas um emblema carnavalesco, mas um signo de pertencimento coletivo e de continuidade. Em suas pinturas, cores intensas, contornos marcados e gestos gráficos dialogam com matrizes negras presentes na música, na religiosidade e nas formas de celebração comunitária. Guilherme constrói imagens que celebram identidade e ancestralidade com humor e reflexão crítica.







Iole de Freitas

Manto 2

Papel glassine, cola d'água,
areia e madeira
2024

Manto atualiza a tradição do panejamento na escultura clássica ao deslocar a representação do ar para sua incorporação como matéria. Se na estatuária as dobras do tecido simulavam uma presença atmosférica sobre o corpo, aqui se tornam elementos constitutivos da forma. A partir de uma intervenção física direta, a artista faz emergir relevos marcados por pregas, tensões e volumes que evidenciam o embate entre o gesto e a fisicalidade do suporte. Antes plano e inerte, o papel adquire vivacidade, expandindo-se e retraíndo-se como se respirasse. Iole dedica atenção tanto à superfície quanto aos intervalos, moldando os gases que preenchem os vazios e os transformando em presença sensível. Entre interior e exterior, leveza e densidade, a obra revela uma poética da respiração, onde matéria e movimento articulam-se. Há vida nas dobras, porque Freitas a soprou.





João Boto

Serpentário manguezal

Escultura têxtil composta por 23 cobras em tamanhos variados, serigrafia sobre linho, costura e alumínio
2025

Em *Serpentário manguezal*, Boto constrói um corpo escultórico vivo que evoca o mangue como berçário de vida e território de encontro. As serpentes, dispostas em movimentos, sugerem fluxos contínuos entre terra e água, ativando uma paisagem sensível onde matéria e memória entrelaçam-se. Cada forma carrega grafismos e padrões impressos em serigrafia, tensionados pela costura manual e pelas estruturas maleáveis de alumínio, que permitem à obra adaptar-se ao espaço e respirar com ele. As cores terrosas e avermelhadas remetem à lama, à raiz e à pulsação do manguezal, criando uma presença que é ao mesmo tempo densa e fluida. A cobra, símbolo de transformação e caminho, conduz o olhar por entre curvas e dobras, convidando o corpo a sentir. A instalação apresenta-se como um território em expansão, onde natureza, memória e imaginação constroem um campo de relação e permanência.





João Modé

Projeto REDE

Cordas diversas
2026

O *Projeto REDE* investiga a potência poética das relações humanas a partir de um gesto simples: o encontro. Desde o início dos anos 2000, o artista propõe a criação de uma rede simbólica construída coletivamente. Cada participante escolhe um ou mais fios e recebe a instrução de conectá-los a uma estrutura maior, enquanto se aproxima de outras pessoas também presentes na ação, formando conexões sucessivas que se expandem como uma trama viva. O trabalho não se limita ao objeto resultante, mas se ancora sobretudo como processo, evidenciando seu caráter relacional. A instalação torna-se, assim, metáfora e materialização de vínculos afetivos, sociais e políticos que atravessam o cotidiano. Ao deslocar o foco da autoria individual para a experiência compartilhada, Modé transforma a obra em um dispositivo de convivência, onde cada gesto amplia as interdependências entre sujeitos, lugares e comunidades.





Kandu Puri

MI'iton

Vídeo

2021

MI'iton, do rapper e artista Kandu Puri, articula música, imagem e etnicidade ao demarcar territórios e afirmar identidade, memória e o presente dos povos originários. Entre som e língua, o artista utiliza o Kwaytikindo, idioma do povo Puri originário do Rio de Janeiro e da região Sudeste. No videoclipe, Kandu compõe uma narrativa que entrelaça voz, paisagens naturais e espaços urbanos transformados. As imagens e os sons revelam contrastes entre territórios indígenas e a cidade, lembrando que a terra já possuía história, existência e pertencimento antes da colonização e que seguimos habitando esses múltiplos mundos. Em sua trajetória, o artista utiliza o hip-hop como linguagem de denúncia contra o racismo estrutural, a violência e o apagamento da memória indígena, ao mesmo tempo em que reivindica visibilidade para artistas originários. *MI'iton*, como língua viva, afirma a permanência indígena e projeta futuros possíveis entre ancestralidade e cultura urbana.





ammi prika kxe axe ansehon ey taheantah



Miti nedlan kemun



makim ah txo prika krim day sana

Kika Diniz

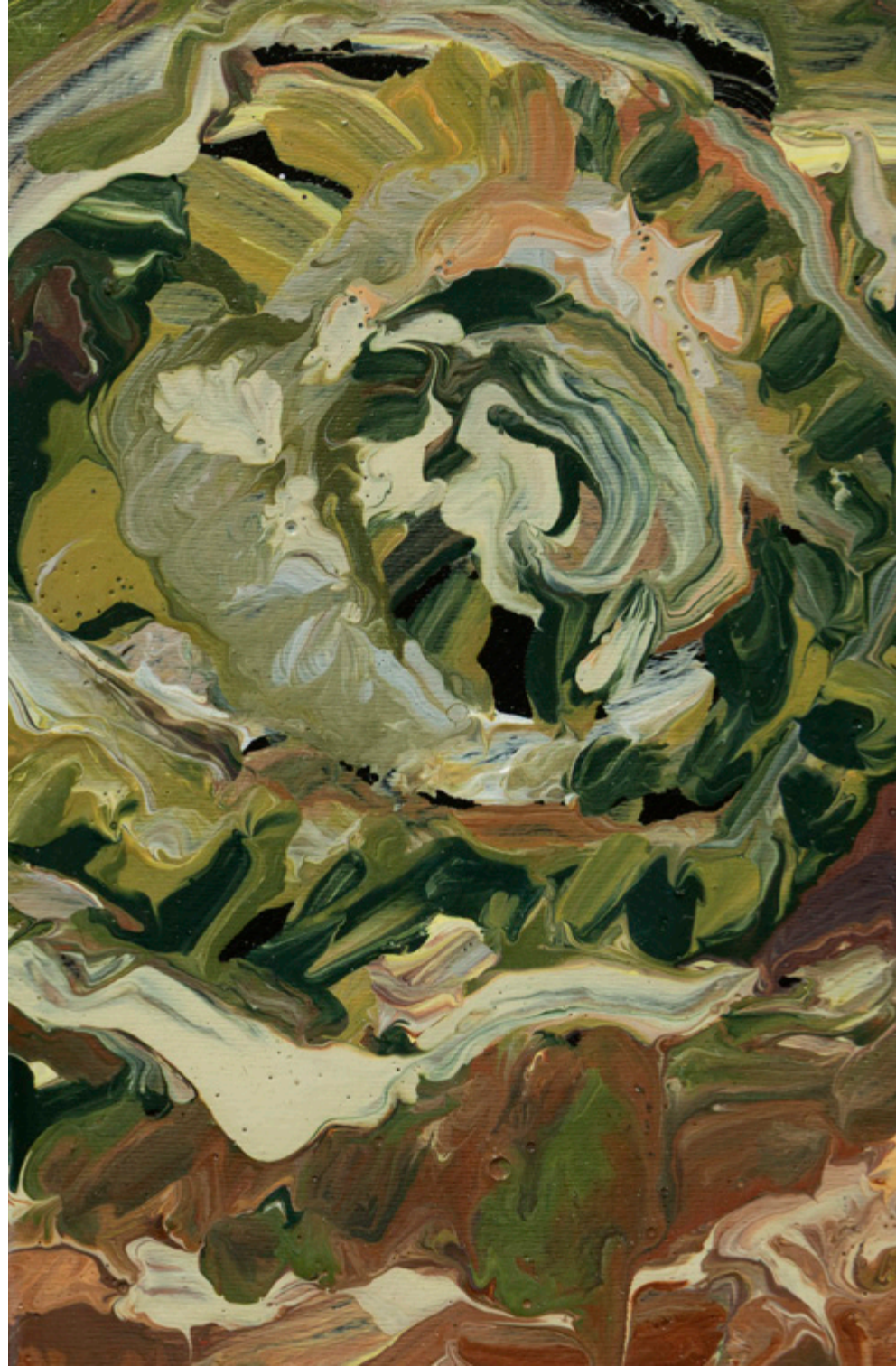
Uva: dia 8

Acrílica sobre tecido *blackout*
2025

Cebola: dia 14

Acrílica sobre tecido *blackout*
2025

Desde 2021, Diniz desenvolve a pesquisa que denomina “pornografia das imagens”, investigando a circulação incessante de visualidades mediadas por algoritmos das redes sociais. Apropriando-se desse fluxo, a artista desloca imagens digitais para o campo da pintura, tensionando regimes de visibilidade, consumo e desejo. Nos trabalhos apresentados, vídeos em *timelapse* de alimentos em decomposição tornam-se matriz para composições pictóricas que evidenciam processos de transformação, deterioração e passagem do tempo. Realizadas sobre cortinas *blackout* montadas em pequenos chassis, as obras incorporam o formato e a escala das telas de celulares, aproximando o gesto pictórico da experiência cotidiana do *scroll*. Entre sedução e repulsa, brilho e ruína, Kika constrói imagens que confrontam a estética do excesso, revelando a materialidade efêmera que sustenta o espetáculo contemporâneo das imagens.





Laryssa Machada

(71) Interferências

Fotoperformance, impressão digital
em papel algodão
2019

Performers

Vírus Carinhoso,
Lila Deva e Vivian Silva

Produção

Lila Deva, Talit Pereira
e Vivian Silva

A obra de Laryssa articula fotografia, cinema e performance como práticas de imaginação política e ritual. A artista constrói imagens como gestos de contracolônização e expansão da liberdade. Com formação que atravessa jornalismo, ciências sociais e artes, sua pesquisa desenvolve-se no cruzamento de saberes, tomando o deslocamento e a experiência do território como método. Através de narrativas que transitam entre ficção e hiper-realidade, combinando paisagem, natureza e tecnologias afrodiaspóricas e indígenas, Machada valoriza e entrelaça saberes antigos, enquanto afirma e expande imaginários LGBTQIAPN+. Personagens e seres emergem de rios e florestas, misturando-se a feiras e fragmentos de plástico, ressignificados como matéria simbólica. Nessa cosmologia, memória e futuro criam poéticas onde diferentes formas de existência convivem e projetam possibilidades de mundos.





Lorran Dias

Novo Rio

Vídeo
2021

Em *Novo Rio*, Dias parte de um arquivo íntimo pessoal e do passado de convidadas para investigar como as memórias afetivas entrelaçam-se às histórias coletivas de deslocamento que formam o Rio de Janeiro. Nos anos 2000, ainda criança, o artista viaja de avião pela primeira vez com os pais da Favela da Maré, no Rio de Janeiro, até a cidade natal de sua mãe, no Sertão do Ceará. Durante o deslocamento, Tania Dias registrou em fotografias o retorno raro à terra de origem, sua primeira visita desde a década de 1980 e o único contato do filho com esse território. Vinte anos depois, ao reunir as lembranças da mãe com relatos de outras moradoras nordestinas da Maré, o filme desloca a experiência pessoal para uma dimensão histórica e sensível mais ampla. Entre documentário de arquivo e fabulação, o trabalho antecipa questões que atravessam a pesquisa do artista: a memória como imagem em disputa, a diáspora como força edificadora e a intimidade como lugar de leitura do país.





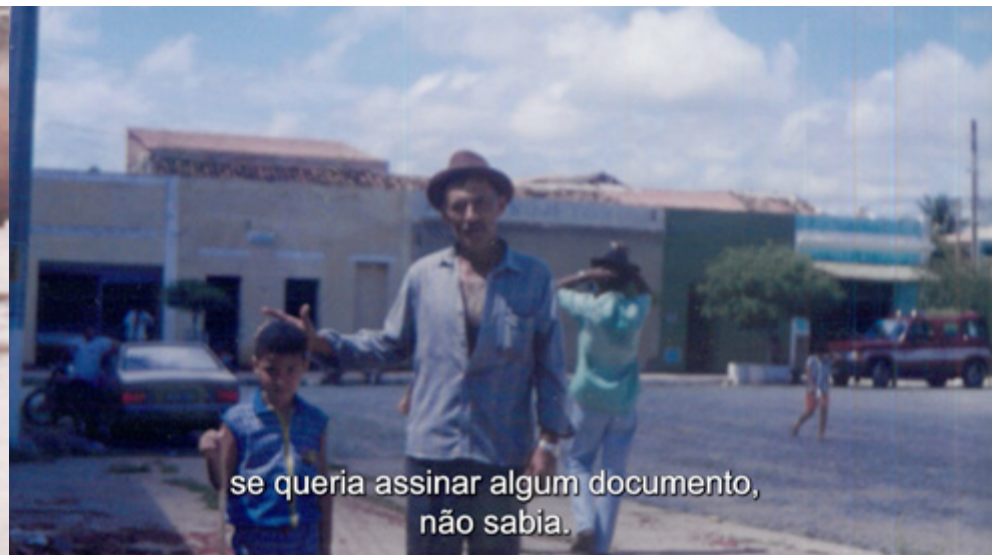
[vozes indistintas ao fundo]



ansiedade né?



braçalmente ainda, trabalhando.



se queria assinar algum documento,
não sabia.

Lucas Ribeiro

Guitarras herméticas

Escultura e vídeo

2024

Lucas investiga as relações entre escultura, som e tecnologia por meio de criações híbridas que deslocam papéis e expectativas. Primeiramente, o artista funde objetos distintos e distantes através de intervenções que lembram cirurgias reconstrutivas, produzindo colagens entre instrumentos musicais e mobiliário doméstico. Motores e dispositivos mecânicos são acoplados às estruturas para gerar vibrações, subvertendo a funcionalidade original dos artefatos e os convertendo em sistemas acústicos autônomos. Nesse processo, as cadeiras, associadas à estabilidade e ao repouso, passam a dialogar com a energia do rock e com a lógica da improvisação. Completando o conjunto, vídeos documentam outras estruturas criadas pelo artista, funcionando como extensão expositiva dessas engenharias precárias. Entre ironia, invenção e ruído, Ribeiro amplia o entendimento daquilo que pode ser considerado gambiarra, design, arte e música.





Lucia Laguna

Estúdio nº 7B

Acrílica e óleo
2007

Pequenos formatos / papel

Óleo sobre papel
2000

A partir do início dos anos 2000, a obra de Lucia apresenta um ponto de inflexão em sua prática pictórica, quando a artista passa a incorporar o uso de fitas adesivas como recurso de mascaramento e construção de camadas. Esse procedimento introduz uma dinâmica entre ocultamento e revelação, estruturando a superfície da pintura por meio de cortes, interrupções e sobreposições — ora arquitetônicos e cartográficos, ora orgânicos e caóticos — que reorganizam o campo visual. Suas composições partem de um repertório híbrido: referências da história da arte se entrelaçam com a observação cotidiana de sua casa e da vizinhança no bairro do Riachuelo, na Zona Norte do Rio.





Situado entre as Linhas Vermelha e Amarela, importantes eixos de circulação, o entorno torna-se provocação, atravessado por fluxos e fragmentos. Entre figuração e abstração, Laguna constrói imagens onde cidade e memória contaminam-se continuamente.





Lyz Parayzo

Manicure política

Instalação
2016

COLEÇÃO

Museu de Arte do Rio

Parayzo articula práticas escultóricas, performativas e relacionais para investigar gênero, identidade e política a partir de uma perspectiva autobiográfica. Em *Manicure política*, a artista desloca o gesto de se pintar as unhas para o campo da arte, transformando-o em dispositivo estético e político. Pessoas trans acolhem o público e oferecem sessões gratuitas, instaurando um espaço de encontro, escuta e troca onde o toque torna-se linguagem. A obra afirma o corpo como território pedagógico, atravessado por relações de poder e desejo, ao mesmo tempo em que propõe novos rituais de cura. Inspirada por uma ética do cuidado, a artista constrói uma prática que tensiona as estruturas de violência e exclusão, convertendo atenção, presença e afeto em ferramentas de resistência. Ao redistribuir recursos e visibilidade, Lyz exerce a dimensão social de seu trabalho, transformando o cuidado em ato de criação e reinvenção da convivência.





Malcom Jefferson

Práticas vernaculares

Óleo sobre tela
2025

Na obra *Práticas vernaculares*, Malcom Jefferson constrói uma geopoética do deslocamento, atravessada por territórios diversos e pelas experiências de migração entre o Piauí e o Rio de Janeiro. A pintura emerge da vivência no Saara, centro comercial carioca, onde fluxos intensos de corpos periféricos e o acúmulo de mercadorias produzem camadas visuais e simbólicas. Nesse cenário, a figura humana dilui-se, esconde-se e se transforma no excesso, instaurando uma tensão entre presença e apagamento. A composição articula cores intensas e contrastantes que evocam movimento, calor e densidade urbana, criando uma atmosfera onde o caos é também linguagem. O corpo, parcialmente encoberto, torna-se território em trânsito, marcado por atravessamentos culturais e econômicos. A obra expande-se como pintura e pensamento, revelando práticas cotidianas que resistem e se reinventam.





Marcella Araujo

Vasos de contar histórias

Cerâmica terracota, engobe e esmalte
2024

Bichos

Cerâmica terracota, engobe e esmalte transparente
2025

Vasos de contar histórias propõe uma cartografia carioca sensível a partir de relações entre memória, território e invenção. Estruturada como uma "brincadeira" em que um assunto puxa o outro, a artista articula conexões entre acervos museológicos e bairros, criando uma narrativa em cadeia que atravessa diferentes regiões: Santa Cruz, Engenho de Dentro, São Cristóvão e Gávea compõem os sítios investigados. Cada vaso funciona como um espaço de acolhimento onde informações, imagens e símbolos acumulam-se e se transformam. No interior, pinturas das arquiteturas de instituições culturais apresentam -se em visão circular, convidando o espectador a olhar para dentro e para baixo, deslocando o ponto de vista habitual. Na superfície externa, relevos e modelagens ampliam a dimensão tátil da obra. Completando o conjunto, temos também vasos com as imagens de animais da fauna do estado, que possuem apenas uma vogal em seus nomes.



Entre patrimônio material e imaterial, os vasos revelam um Rio de Janeiro plural, onde histórias e lugares entrelaçam-se, afirmando a cidade para além de suas paisagens mais visíveis.



Marcela Cantuária

Alceri Maria Gomes da Silva

Óleo e acrílica sobre tela

2021

COLEÇÃO

Museu de Arte do Rio

A produção de Cantuária articula pesquisa histórica e imaginação política para reconstruir narrativas frequentemente apagadas dos arquivos oficiais. Marcos históricos unem-se à trajetórias femininas, criando uma espécie de colagem entre tempos distintos e memórias esquecidas. A artista investiga a vida de mulheres revolucionárias da América Latina, cujas lutas foram silenciadas por regimes autoritários, estruturas patriarcais ou pela própria ausência de reconhecimento. Sua pesquisa também aponta para outras expressões culturais, como o funk, revelando a raridade de protagonistas femininas em seu campo simbólico. Marcela reconfigura, assim, a tradição do retrato: não há apenas a representação de rostos, mas a reunião de pistas visuais, símbolos e referências que nos aproximam de personagens e biografias. Entre pintura e arquivo, suas imagens operam como gestos de reparação histórica, reinscrevendo essas figuras no imaginário contemporâneo.





Márcia Falcão

BDSM do Lar 5

Acrílica, óleo e pastel
oleoso sobre tela
2022

Alegoria do suporte e proteção ancestrais


Óleo e pastel oleoso
sobre tela
2022

COLEÇÃO

Fortes D'Aloia & Gabriel

Falcão investiga a relação entre corpo feminino, matéria pictórica e tensões sociais por meio de pinturas de grande formato marcadas por gestos intensos e camadas espessas de tinta. Em suas telas, figuras femininas emergem em cenas que oscilam entre o íntimo e o coletivo, revelando experiências atravessadas por violência, desejo e resistência. A artista constrói imagens em que a carne e a pintura parecem confundir-se, enfatizando a fisicalidade da superfície e a presença do corpo como campo de disputa. Nascida e criada no subúrbio do Rio de Janeiro, sua produção incorpora referências da vida urbana e de sua experiência pessoal, articulando uma visualidade ao mesmo tempo crua e poética.





Tons terrosos e vermelhos intensos reforçam a dimensão visceral de suas composições, onde dor e potência coexistem. Ao tensionar padrões de representação, Márcia transforma a pintura em espaço de afirmação, conflito e elaboração simbólica do corpo feminino contemporâneo.

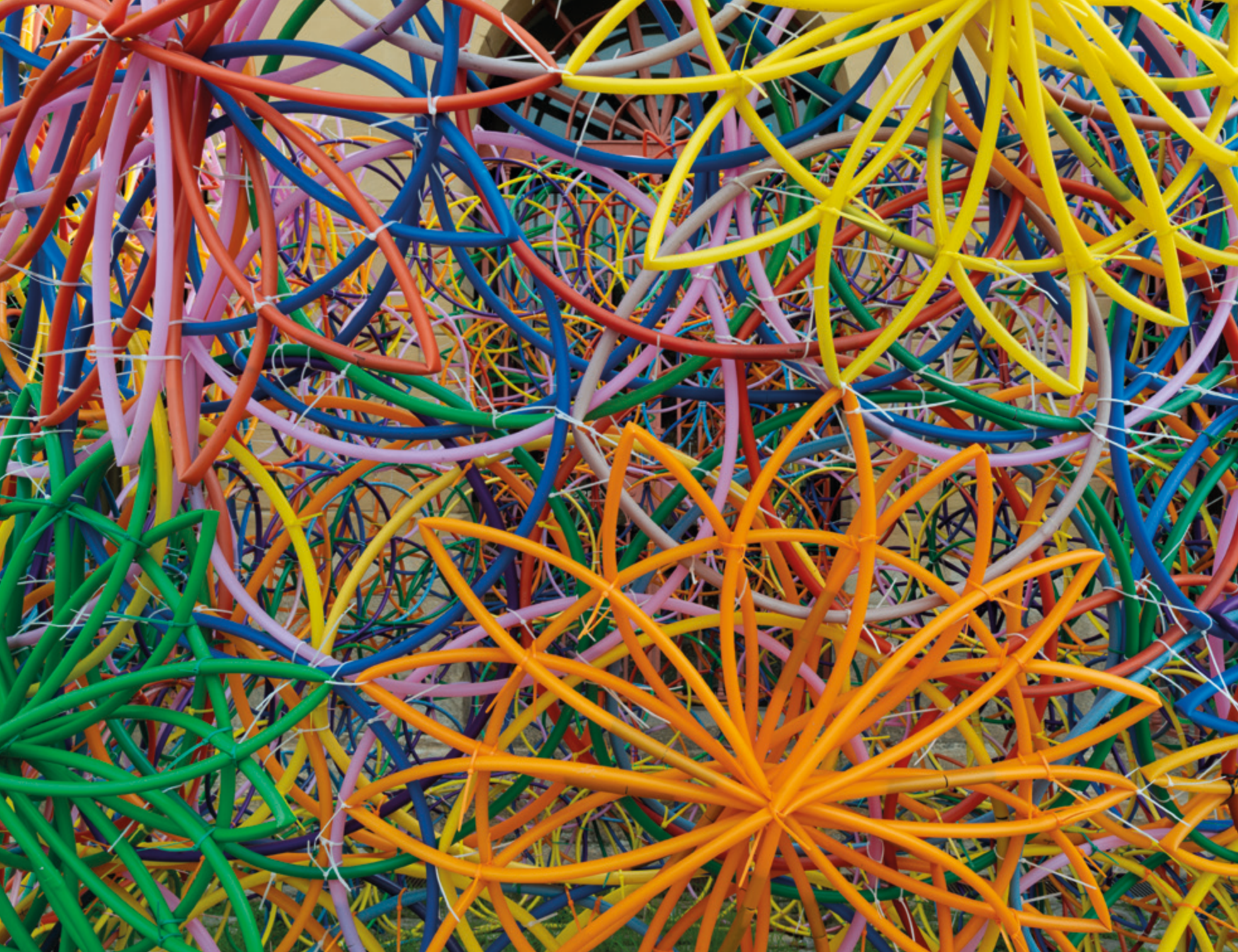
Marcos Cardoso

Cercadinho carioca

Bambolês
2025

Cercadinho carioca integra a pesquisa do artista sobre a transformação de objetos cotidianos em estruturas visuais de forte impacto sensível. Utilizando bambolês, elemento associado ao jogo, ao corpo e ao movimento, Cardoso constrói composições geométricas que evocam tanto leveza quanto contenção. Ao organizar esses círculos em padrões repetitivos, a obra sugere a ideia de cercamento, limite e ordenação do espaço, dialogando com dinâmicas urbanas e sociais da cidade do Rio de Janeiro. O ritmo visual dos objetos constrói uma paisagem que oscila entre brincadeira e restrição, propondo uma reflexão sobre circulação, confinamento e convivência. Sua prática, marcada pela manipulação artesanal de materiais industrializados, desloca o banal para o campo poético, criando diálogos em que convivem a ludicidade e a crítica.





Mayra Carvalho

Bèrè

Barro, palha, cabaça e aço
2025

Mayra constrói sua pesquisa a partir da relação entre matéria, memória e espiritualidade. Sua pesquisa investiga as confluências dos rios visíveis e invisíveis como transmissores de mensagens, articulando cosmopercepções, saberes coletivos e territórios de encontro. Nesse contexto, a passagem do tempo manifesta-se como um fluxo sensível, que se entrelaça aos ciclos do dia à noite, pelas transformações na percepção da iluminação. A luz, em suas mutações, atua como mediadora entre o visível e o invisível, propondo experiências, ritmos e estados de presença a partir do estático. A materialidade do corpo escultórico perpassa o barro, a palha, a cabaça e o aço, uma forma orgânica que remete à terra e à água, ativando ritmos e momentos naturais e fluxos que atravessam corpo e paisagem. Inclina-se ainda em direção às encantarias aquosas, ancestrais e indizíveis que inundam as investigações e poéticas fundadas pela atenção aos ambientes naturais.





Miguel Afa

O tremor e o terroso

Óleo e bastão a óleo sobre tela

2023

COLEÇÃO

A Gentil Carioca

Afa se desenvolve a partir de uma relação direta com a experiência cotidiana e com as paisagens sociais da cidade. Suas obras partem de memórias e observações do ambiente, especialmente dos quintais, becos, casas e arquiteturas autoconstruídas que marcam a vida nas periferias e comunidades. Ao abordar temas como infância, paternidade negra e convivência, o artista constrói imagens que nascem de observações em primeira pessoa. Formalmente, Afa combina gestos amplos, camadas pictóricas e estruturas geométricas que organizam a composição, enquanto tons terrosos e superfícies opacas criam atmosferas densas e silenciosas. Nessas telas, portas, janelas e muros aparecem como fragmentos de um território familiar, onde a luz recorta formas e sugere presenças. Mais do que representar a urbe, o artista transforma a pintura em um campo de investigação sensível, onde matéria, memória e espaço se entrelaçam.





Mulambö

Nazareth

2025

Presente de Iemanjá

2025

Acrílica sobre compensado naval

A obra de Mulambö se constrói a partir de uma pesquisa pictórica que encontra na figuração um campo de síntese e intensidade cromática. Em diálogo com tradições da arte popular brasileira, evocando mestres como Heitor dos Prazeres, por exemplo, o artista opta por simplificar as formas e reduzir os detalhamentos da imagem, criando composições planificadas que imprimem força a partir de contrastes e tons. Em algumas de suas primeiras séries, o uso recorrente do preto, vermelho e branco remete aos signos afetivos do futebol, revelando como símbolos da cultura popular atravessam sua linguagem visual. Atualmente, novas camadas simbólicas passam a habitar sua pintura: a presença do mar, relacionada ao ateliê situado em área praieira, e referências à espiritualidade afro-brasileira.

Era inevitável que esse rio corresse para o mar

2026



A figura de Iemanjá surge como força imagética recorrente, aproximando natureza, devoção e imaginação. Entre síntese formal e intensidade alegórica, o artista constrói imagens que articulam cotidiano, mito e paisagem.





PatFudyda

ONDAS UTÓPICAS

— Um filme de Patfudyda

Vídeo

2024

Participações

Legendary Ciara,
Theuse Luz D’Pavuva,
Preta Queen B Rull
e Laxxota

Câmera — Performers

Idra Maria e Gabe Arnaudin

Design de som

Bida Sarô

A obra de Patfudyda emerge da cultura *ballroom*, uma das cenas culturais LGBTQIAPN+ que se consolidou como espaço de criação estética, resistência e empoderamento social. Em sua trajetória, desenvolve ações em que convivem gestos coreográficos, poses e encenações com insurgência no espaço urbano. A partir da articulação entre trabalhos individuais e práticas coletivas, a artista tensiona a presença de pessoas trans e travestis, que atuam, brincam, montam-se e posam em áreas históricas da cidade, como podemos ver em *Ondas utópicas*. Ao incorporar dança, encenação e indumentária, corpos antes marginalizados ocupam o espaço público, atualizando a história da performance e transformando presença em estratégia de visibilidade, celebração e reinvenção de territórios.





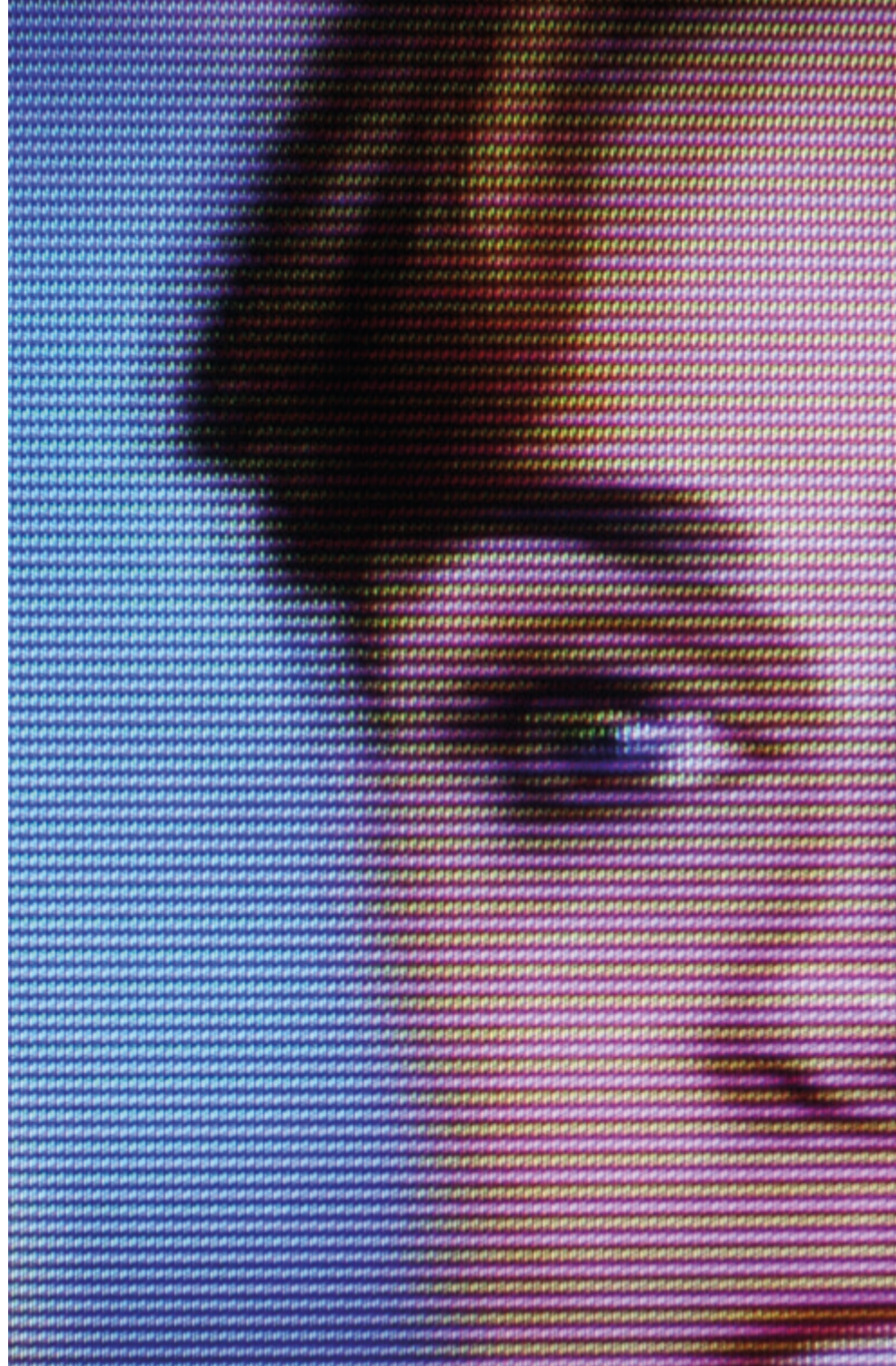
Paulo Vivacqua

O feitiço

Instalação sonora

2005

Vivacqua investiga as relações entre som, escultura e paisagem por meio de instalações que combinam fragmentos musicais, gravações autorais e apropriações. Em *O feitiço*, diálogos de novelas brasileiras são capturados, recortados e remixados, formando uma composição circular que mantém o espectador em permanente estado de expectativa. As vozes, repetidas e deslocadas de seu contexto narrativo original, constroem uma atmosfera de suspense contínuo, onde frases familiares se transformam em matéria acústica. O público é imerso em um *home theater* fantasmagórico, composto por televisores de diferentes modelos e tamanhos, que evocam distintas épocas da tecnologia doméstica e da história da televisão no Brasil. Entre humor, estranhamento e crítica, Paulo transforma um repertório cotidiano da cultura de massa em experiência sensorial e reflexiva, revelando como a memória coletiva se constrói também através de repetições e ecos da mídia.





Rafa Bqueer

Ouro d'Oxum

Foto-performance

Abre-alas da Unidos de Vila Isabel

2026

Foto

Adriano Fontes/Rio Carnaval

Bqueer desenvolve-se na intersecção entre corpo, performance e presença pública. Em sua pesquisa, o gesto cênico torna-se estratégia poética e política para tensionar normas sociais e invocar outros modos de existência. Corpos e corpas emergem em intervenções urbanas, festas e paradas que atravessam tanto os espaços populares quanto os ambientes da elite, desestabilizando hierarquias e expectativas. Origens amazônicas também habitam seu imaginário, combinando referências paraenses com a linguagem da moda, da rua e da cena *queer*. Ao investigar trajetórias de drags e pessoas trans que marcaram a história cultural brasileira, a artista produz imagens de afirmação e memória. Em diálogo constante com o carnaval carioca, Rafa banhou-se nas águas de Oxum durante o desfile da Vila Isabel de 2026, reforçando a dimensão ritual e espiritual presente em sua obra.





Rona Neves

UM JOVEM DO OGUM

Fitas adesivas sobre manta vinílica
2026

Rona desenvolve, ao longo dos anos, uma prática em que performance, encenação e objeto artístico entrelaçam-se de forma indissociável. Trabalhando com uma variedade de materiais e superfícies, o artista produz desenhos e pinturas sobre plásticos que, frequentemente, alcançam escalas monumentais, criando imagens intensas que dialogam com o espaço expositivo. Em paralelo, elabora máscaras, cabeças e estruturas escultóricas a partir de materiais reaproveitados como tubos flexíveis de PVC, redes, couros, entre outros materiais descartados, transformando elementos banais em composições carregadas de presença simbólica. Afrorreferências, narrativas do cotidiano e percursos pela cidade atravessam sua pesquisa, conectando memória, território e identidade. Um universo visual onde resíduos urbanos se convertem em potência cultural e crítica pelas mãos do artista.





Ruan D'Ornellas

Todo ciclo tem um pouco de destruição

Acrílica sobre tela
2018

A pressa era tanta que não deu tempo

Acrílica sobre tela
2025

COLEÇÃO

Lourenço Carper

D'Ornellas desenvolve uma pintura que articula figuração, memória e fabulação a partir de referências do cotidiano e do imaginário brasileiro. Nascido em Volta Redonda e radicado no Rio de Janeiro, o artista investiga símbolos e narrativas que atravessam o folclore, a cultura popular e as tensões entre natureza e cultura, construindo cenas que oscilam entre o real e o fantástico. Em suas telas, figuras humanas, animais, arquiteturas e elementos vegetais coexistem em paisagens densas, onde padrões, transparências de cor e atmosferas oníricas instauram situações de metamorfose e encantamento. Serpentes, aves e matas emergem como agentes, sugerindo estados de transformação, perigo e desejo. Sua prática, que transita entre pintura, desenho e escultura, propõe uma reinvenção poética do mundo visível, criando imagens que parecem narrar mitologias possíveis, ao mesmo tempo íntimas e coletivas.







Sociedade Fluminense de Fotografia



Instalada em Niterói desde os anos 1940, a Sociedade Fluminense de Fotografia consolidou-se como um dos principais núcleos do fotoclubismo no país, promovendo exposições, publicações e intercâmbios com dezenas de países. Entre laboratórios, galerias e acervos especializados, a instituição, atualmente dirigida por Antonio Machado, constitui um espaço pioneiro para a prática, reflexão e memória da linguagem.

Nair Avelar Nunes

Cena bucólica

Fotografia

1969



Walter Filho Bittencourt

Velhos tempos

Fotografia

s/d



Jayme Moreira de Luna

Baía de Todos os Santos

Fotografia

s/d

Hamleto Fellet

Scherzo C

Fotografia

s/d



**Chakib
Jabôr**

s/t
Fotografia
s/d



**Neitel
M. Pereira**

**A mulher
e o exotismo**
Fotografia
s/d



**M. Villela
da Costa**

**Bailando sobre
as nuvens**
Fotografia
c. 1950



**Stephan
Rosembauer**

Portrait
Fotografia
1949



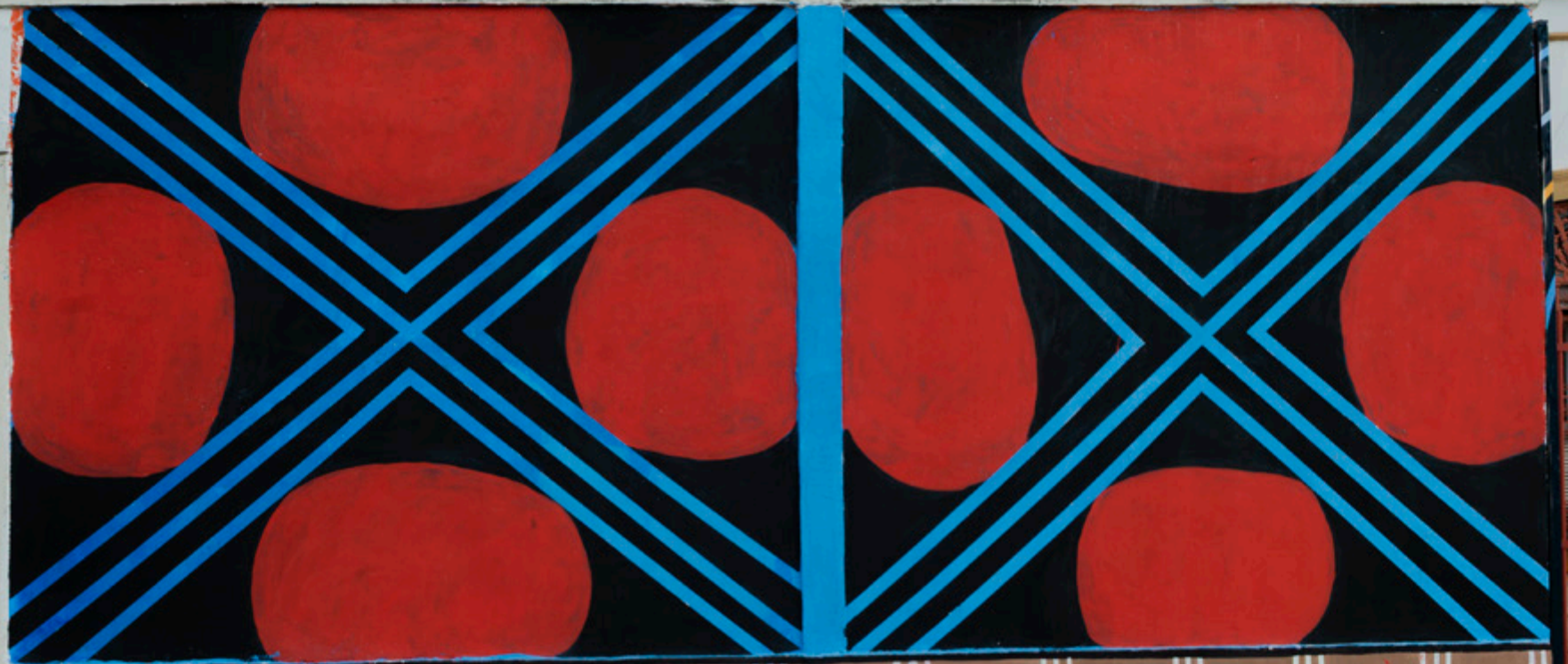
Tapixi Guajajara

Zawyti Peker | casca de jabuti

Intervenção
2026

Tapixi Guajajara é uma artista indígena que ocupa diferentes espaços da criação: pintura, intervenção e canto originário. Sua arte expande-se por paredes, telas, roupas e corpos, pintando traços étnicos de seu povo e narrando memórias vivas dos rios, dos territórios e das paisagens que atravessam sua história. Em suas criações, cada traço demarca o não apagamento de sua cultura e de sua etnicidade. A artista percorre territórios ancestrais e urbanos, estabelecendo diálogos entre memória, presença e criação. A tinta torna-se elemento que estampa e preserva a memória coletiva de seu povo, reafirmando a importância de habitar diferentes territórios e paisagens. Guerreira da terra, mantém viva sua língua Ze'ëgete ("a boa fala"), pertencente à família Tupi-Guarani, do tronco Tupi.





Tatiana Altberg

Retrato falado

Instalação sonora

2017

Colaboração

Raquel Tamaio

Retrato falado é um dispositivo sensível de escuta e imaginação a partir do encontro com jovens em cumprimento de medida socioeducativa no Degase, no Rio de Janeiro. Ao longo de quatro meses, a artista desenvolve oficinas de fotografia *pinhole* e promove conversas individuais nas quais os participantes narram memórias, medos e experiências. Esses relatos dão origem a uma instalação sonora que desloca a imagem do campo visual para o campo da escuta, propondo uma “fotografia falante”. A obra convida o público a ocupar a posição de ouvinte/vidente, produzindo imagens mentais a partir das palavras. Ao tensionar visibilidade, representação e subjetividade, Altberg afirma a invenção de si como gesto poético e político, subvertendo dinâmicas de apagamento e instaurando espaços de presença e reconhecimento. O projeto foi contemplado pelo programa Rumos Itaú Cultural.



(...)

Ontem mesmo eu sonhei com a minha avó aqui na visita, minha avó veio me visitar, foi de dormir, acordei foi de 7, 6 horas da manhã, sonhei com a minha avó, depois fui dormir de novo, acordei com a minha mãe, minha mãe chorando falou: "Meu filho, eu fui assaltada, eles levou meu celular, levou meu dinheiro, levou meu documento todo, aí eu fui e acordei, fiz uma oração, todo dia eu sonhei que eu matava a minha mãe."

Sou que eu que tava em casa, minha mãe ia, me dava uma madeirada na cabeça, aí minha cabeça abria, começava a sair sangue, aí eu pegava eu pegava eu pegava a cabeça dela, a porta tava trancada com o cadeado e a corrente, eu começava a bater com a testa dela no cadeado, o cadeado ia explodir, arrombava. Aí foi na hora que eu fui e acordei. Eu sei que eu tava indo embora, eu tava de liberdade.

Sonhei que eu morria, sonhei que eu tava na boca vendendo droga, o polícia foi e me deu um tiro, pegou o tiro no meu peito, eu fui e acordei na hora, só sonho ruim. Tem sonho bom que eu já sonhei, mas não tô lembrando não. Tem mais sonho bom, tem mais sonho ruim do que o sonho bom.

(...)

(...)

Ah, lembrei. O momento mais alegre da minha vida: quando eu tinha 8 anos de idade e lá na Região dos Lagos, meu pai veio e me deu uma bicicleta toda rosa. Eu fiquei muito empolgada, fiquei muito feliz. E eu nem sabia andar de bicicleta direito. Aí só assim que eu fui, andei com a bicicleta assim, quando eu montei em cima da bicicleta, eu fui cair e consegui quebrar o guarda da bicicleta no primeiro dia.

Eu não aguentei que eu ri. Aí meu pai já olhou para minha para minha cara assim e falou: "Você é demais, né?" Aí eu comecei a rir.

Primeiro dia de uso da bicicleta já de destruir com ela. Pior que eu sorri. Eu comecei a rir. Aí ele olhou para a minha cara assim, mas depois ele riu junto comigo.

(...)

Relatos transcritos a partir do áudio da obra

Tayná Uràz

Cabeça de peixe

Impressão sobre tecido e instalação
de miçangas e penas
2024

O trabalho de Tayná Uràz se apresenta como um gesto de memória e presença. A imagem, ao dispor as cabeças em pratos, desloca o olhar do consumo para o reconhecimento: o peixe deixa de ser apenas alimento e se torna signo de vida, de água e de continuidade. Há na obra uma convocação sensível para lembrar que o cotidiano urbano também é atravessado por rios, fluxos e histórias que insistem em existir, mesmo quando invisibilizados. Os vestígios, as texturas e a repetição das formas evocam rituais silenciosos, como se cada fragmento carregasse narrativas ancestrais. A obra tensiona o esquecimento, revelando que sobreviver é também manter vínculos com aquilo que nos sustenta: as águas, os territórios, os saberes. Assim, o trabalho expande-se para além da imagem: é denúncia e cuidado, é lembrança e retomada. Um convite a perceber que, mesmo na cidade, seguimos ligados por fios profundos à ancestralidade e às regas que nos constituem.





Thiago Modesto

Ritual

Xilogravura sobre papel Rives Tradition
2023

Com a benção dos que já partiram

Xilogravura sobre papel japonês
2024

Elaborar arte a partir de uma técnica tradicional, como a xilogravura, confere ao trabalho de Thiago Modesto características singulares. Há uma ruptura com lógicas antes estabelecidas por escalas menores, que são alteradas pelo artista ao produzir em medidas não convencionais. Em outro viés, Modesto envereda por narrativas e contações de histórias que tangenciam o imaginário popular, destacando personagens e cenas que se caracterizam como pertencentes a uma brasilidade construída. Vemos trabalhadores rurais, folias, altares e casórios que nos remetem a um Brasil interiorano. Contudo, os gestos sobre as matrizes e os modos de editar cenas trazem ao contemporâneo uma potente reinvenção do passado, imaginando histórias que a todo instante se vinculam à própria origem familiar do artista.





Zé Carlos Garcia

Chorando pitangas

Madeira de pitangueira
2023

Em *Chorando pitangas*, Zé Carlos Garcia apresenta uma escultura que evoca a forma de uma árvore ressequida, referenciando natureza, corpo e memória. Talhada em madeira, a estrutura vertical ergue-se como um organismo ao mesmo tempo orgânico e construído, onde cortes, emendas e entalhes revelam um processo de transformação contínua. Os galhos, fragmentados e reconfigurados, sugerem gestos interrompidos, como membros que insistem em crescer apesar da ruptura. A ausência de folhas ou frutos intensifica a ideia de um lamento. Ainda assim, a vitalidade persiste na expansão dos ramos e na energia que atravessa o tronco. O esqueleto vegetal e o corpo em mutação inscrevem no espaço uma poética da sobrevivência, onde a forma carrega as marcas do tempo. Garcia transforma a expressão popular em presença escultórica, articulando perda e ressignificação.





Raízes provocam fissuras

Patty Wolff

A ocupação da artista do Mato Grosso Paty Wolff, em uma das salas da CASA BRASIL, foi uma ação estratégica para provocar a aproximação com outras regiões do país, iniciada com o estado de Roraima, no Norte, e que agora chega ao Centro-Oeste. A conexão com diferentes poéticas para além do Sudeste reafirma a gênese da nova Casa nas diversas brasilidades e o compromisso com a descentralização do acesso e dos recursos culturais. A construção de redes que se institui aproxima agentes e repertórios frequentemente distantes dos principais circuitos institucionais do Brasil.

Raízes provocam fissuras é uma instalação *site-specific*¹ em que o papelão, suporte da obra, é transformado por intervenções estéticas realizadas por meio de recortes, rasgos e sobreposições às pinturas figurativas. Esse processo constrói imagens que evocam múltiplas perspectivas, ao mesmo tempo em que revela camadas ocultas e estabelece novos sentidos.

A obra atravessa temas como a desconstrução e a construção de identidades, memórias e ancestralidades, propondo uma reflexão sobre a convivência entre diferentes temporalidades e uma perspectiva de contracolonialidade. Materiais e ferramentas associados à construção civil, como tijolos e colheres de pedreiro, são incorporados à instalação, ampliando suas camadas simbólicas e sugerindo novas chaves de leitura para o trabalho.

1 *Site-specific* (do inglês, "específico do local") é um termo da arte contemporânea que designa obras criadas para existir em um ambiente determinado. Nesse formato, a materialidade, a arquitetura e o contexto sociopolítico do espaço tornam-se partes indissociáveis do trabalho.





GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador em exercício
Ricardo Couto de Castro

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO RIO DE JANEIRO

Secretária
Danielle Barros

Chefe de Gabinete
Claudia Raybolt

Superintendente de Artes
Cristina de Pádula Cattan

CASA BRASIL

Diretora
Tania Queiroz

Coordenador geral
Jocelino Pessoa

Comissão de curadoria
Aliã Wamiri Guajajara Cadu
Jocelino Pessoa
Marcelo Campos
Tania Queiroz

Coordenadores de comunicação
Renato Costa e Vozes Agência Criativa

Coordenadora de educação
Vanessa Rocha

Coordenadora editorial
Daniela Name/Caju

Coordenador de produção
Diego Martins

Coordenador administrativo
Rodrigo Leite

Diretor de arte
Lucas Bevilaqua

Designer
Heitor Alvarenga Tamires Mazzo

Analista de mídias sociais
Adrielle Dantas

Assessora artística
Carla Maldonado

Assessoras de leis de incentivo e administração
Mariza Adnet e Inês Adnet

Assessora jurídica
Patrícia Meireles

Assessora de patrimônio e museologia
Luísa Lacerda

Relator
Ricardo Diegues

Secretária executiva
Thais Sousa

Produtora executiva
Olegária Porto

Assistente de produção
Lukas Dantas

Contabilidade
ProjetSolut
Contabilidade e Gestão

Consultor jurídico
Gustavo Martins de Almeida Advogados

Consultora de direitos autorais
Andrea Bolanho

Operações
José Augusto da Silva
Julio Cesar de Lima
Karine Eduarda Aguiar
Thailane Wandin

Manutenção
José Pires
Marcos Felipe Carvalho

Segurança patrimonial
Adilson Barbosa Jr.
Arlindo de Albuquerque
Claudia da Silva
Claudio Reis
Jorge Luiz Alves
José Carlos Brito
Marcos Aurélio Rosa
Marcos Vinicius Borges

Clipadora
Sinopress

PROJETO CASA BRASIL

Idealizadores
Jocelino Pessoa
e **Tania Queiroz**

Realização
V ARTE

EXPOSIÇÃO

Projetada e realizada pela
equipe da **CASA BRASIL**

Curadores
Aliã Guajajara Wamiri
Cadu
Jocelino Pessoa
Marcelo Campos
Tania Queiroz

Expografia
Leila Scaf

Iluminação
Antonio Mendel
– **Espaço Luz**

Equipamentos audiovisuais
MB Produção e
Publicidade Ltda

Montagem
KBedim Montagens
e **Produção Cultural**

Museologia
Alice Tischer
Bruna Lustosa Daniela
Monte Lima
Ramon Oliveira
RYS Conservação
e **restauração de obras de arte**

Impressão *fine art*
Thiago Barros Arte Lab.

Molduras
Moldurax

Transporte
Millenium Transportes

Seguradora
Howden Brasil

Sinalização
Ginga Design
WSM Gráfica

Revisora
Jadelice Souza

PROGRAMA EDUCATIVO

Participantes do
curso *Experiência em*
mediação cultural

Amanda Louise Pereira
Ana Cristina Cavalcanti
Ana Maria Indio do Brasil Abias
Bernardo de Carvalho
Bruna Novaes
Gabriel do Espírito Santo
Helena Oliveira
João Pedro de Carvalho
Larissa Guimarães
Maria Luiza de Mattos
Mariah Giuliana de Souza
Matheus Marins
Thaynnara Pinto
Vânia Caroline Saraiva

CATÁLOGO

Projetado e realizado pela
equipe da **CASA BRASIL**

Organizadores
Aliã Wamiri Guajajara,
Cadu
Jocelino Pessoa
Marcelo Campos
Tania Queiroz

Coordenadora editorial
Daniela Name / Caju

Projeto gráfico e diagramação
Lucas Bevilaqua

Coordenador de comunicação
Renato Costa

Revisora
Jadelice Souza

Fotografias
Carla Maldonado
(p. 228–233, 257–259)
Hevelin Costa (p. 173)
Vicente de Mello

Editora
V ARTE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casa Fluminense / [curadoria e organização Aliã Wamiri Guajajara
... [et al.]. — Rio de Janeiro : V Arte, 2026. — (Casa Brasil; 3)

Vários colaboradores.

Outros organizadores e curadores: Cadu, Jocelino Pessoa,
Marcelo Campos, Tania Queiroz

ISBN 978-65-994694-5-9

1. Arte contemporânea – Brasil 2. Artes 3. Artes visuais 4. Centro
cultural 5. Exposições – Catálogos I. Guajajara, Aliã Wamiri. II.
Cadu. III. Pessoa, Jocelino. IV. Campos, Marcelo. VI. Queiroz, Tania.
VII. Série.

26–372249.1

CDD–730.981

Índice para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil : Exposições : Catálogos 730.981

Camila Aparecida Rodrigues – Bibliotecária CRB – SP-010133/0

Papel: **Offset 120g**

Fonte: **Zetkin (Inga Plönnigs)**

Impressão: **Grafitto**

Tiragem: **1.000**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casa Fluminense / [curadoria e organização Aliã Wamiri Guajajara
... [et al.]. — Rio de Janeiro : V Arte, 2026. — (Casa Brasil; 3)

Vários colaboradores.

Outros organizadores e curadores: Cadu, Jocelino Pessoa,
Marcelo Campos, Tania Queiroz

ISBN 978-65-994694-5-9

1. Arte contemporânea – Brasil 2. Artes 3. Artes visuais 4. Centro
cultural 5. Exposições – Catálogos I. Guajajara, Aliã Wamiri. II.
Cadu. III. Pessoa, Jocelino. IV. Campos, Marcelo. VI. Queiroz, Tania.
VII. Série.

26 – 372249.1

CDD – 730.981

Índice para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil : Exposições : Catálogos 730.981

Camila Aparecida Rodrigues – Bibliotecária CRB – SP-010133/0

Papel: **Offset 120g**

Fonte: **Zetkin (Inga Plönnigs)**

Impressão: **Grafitto**

Tiragem: **1.000**



CiSñ BRñSIL



Lei Rouanet

CiSñ
BRñSIL

REALIZAÇÃO

ESCOLA OFICIAL

BISTRÔ OFICIAL

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

v - arte



PATROCÍNIO OFICIAL

REALIZAÇÃO

BR PETROBRAS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

